

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**DJALMA DO AMARAL PEREIRA**

**PEDAGOGIA HUMANISTA FRANCISCANA DE FREI  
AGOSTINHO SALVADOR PICCOLO: UMA INSPIRAÇÃO  
FREIREANA**

Itatiba  
2018

DJALMA DO AMARAL PEREIRA - RA 002201600988

**PEDAGOGIA HUMANISTA FRANCISCANA DE FREI  
AGOSTINHO SALVADOR PICCOLO: UMA INSPIRAÇÃO  
FREIREANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos.

Orientador: Prof. Dr. Nilo Agostini.

Itatiba  
2018

271.3:37 Pereira, Djalma do Amaral.

P49p Pedagogia humanista franciscana de Frei Agostinho  
Salvador Piccolo: uma inspiração freireana / Djalma do Amaral  
Pereira. – Itatiba, 2018.  
76 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-  
Graduação *Stricto Sensu* em Educação da  
Universidade São Francisco.

Orientação de: Nilo Agostini.

1. Piccolo, Agostinho S. (Agostinho Salvador), 1930-.
2. Freire, Paulo. 3. Pedagogia Humanista Franciscana.
4. Educação. 5. Ética. I. Agostini, Nilo. II. Título.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco - USF

Ficha catalográfica elaborada por: Mayara Cristina Bernardino - CRB-08/9525

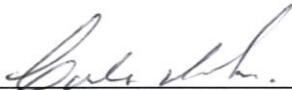
**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**EM EDUCAÇÃO**

Djalma do Amaral Pereira defendeu a dissertação "PEDAGOGIA HUMANISTA FRANCISCANA DE FREI AGOSTINHO SALVADOR PICCOLO: UMA INSPIRAÇÃO FREIREANA" aprovada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 29 de agosto de 2018 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



---

**Prof. Dr. Nilo Agostini**  
Orientador e Presidente



---

**Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira**  
Examinador



---

**Profa. Dra. Cleonice Aparecida de Souza**  
Examinadora



---

**Prof. Dr. José Antonio Trasferetti**  
Examinador

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a São Francisco de Assis que foi a inspiração de Frei Agostinho Salvador Piccolo OFM na sua obra: *Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista*, cujos valores são imprescindíveis à vida como, respeito à caridade o amor aos outros e natureza. E ao Frei Agostinho por viver na *práxis* estes valores humanistas tão caros a São Francisco.

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiro a Deus que me deu a vida e a oportunidade de escrever sobre esta proposta tão maravilhosa de educar. Depois à minha família que me apoiou, sustentou e sofreu comigo para chegar até aqui. Não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Frei Nilo Agostini, um homem de fé e paciência por ter me aturado, um engenheiro de exatas, para escrever e defender esta proposta. Aos meus “primeiros mestres” de primeira série: Dona Edir, Dona Liris, Dona Inês (in memorian), por me iniciarem na formação e educação. Finalmente a uma professora fundamental no Ensino Médio, Dona Edna Zingari.*

## EPÍGRAFE

### *Oração do Professor*

*Senhor, tu és o Deus de toda beleza e de toda a grandeza. Teu nome é grande, e o universo inteiro é pouco para cantar tua magnificência. Tu me deste a missão de ensinar. Há muitos que trabalham com minerais, com plantas, com objetos sem forma e inanimados. Tu me deste a tarefa de construir o saber e educar as pessoas. Dia após dia, ano após ano, passam centenas, milhares de crianças, jovens e adultos por minhas mãos. Tenho a missão de mostrar-lhes o caminho da cultura, da verdade e da ciência. Eu te agradeço as luzes que sempre me deste e continua a me dar. Eu levo meu espírito até sua presença, Deus de toda sabedoria para pedir-te o mais precioso de todos os dons, que justamente a sabedoria de poder mostrar tua pessoa a todos aqueles que passam por minhas mãos. Amém.*

Pereira, Djalma do Amaral. **Pedagogia humanista franciscana de Frei Agostinho. Salvador Piccolo: uma inspiração freireana.** (Mestrado em Educação). 2018. 76 p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

## RESUMO

Esta pesquisa foi inspirada na obra de Frei Agostinho Salvador Piccolo, OFM, “*Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista*”. Tal obra, refere-se sobre a pedagogia humanista franciscana e, juntamente, faz menção à Paulo Freire sobre o viver a práxis de uma educação libertadora. Nossa pesquisa pretende responder a um pedido do Frei Agostinho, no intuito de reencantar a Educação, numa busca, no resgate à dignidade e à nobreza do projeto humano. Acreditamos que os conteúdos e conceitos dessa obra, podem ser benéficos ao serem aplicados em sala de aula e na vivência social. Dessa forma, nosso trabalho tem por objetivo específico; resgatar estes pensamentos humanistas, na busca de uma melhor comunicação entre educador e educando com respeito a valores e vivência em sala de aula. Os objetivos secundários são; situar a formação humanista integral da proposta franciscana e destacar sua contribuição para a prática educacional na formação acadêmica dos educandos, como também dos educadores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, numa perspectiva bibliográfica e descritiva do modo franciscano de educar. Investe-se numa formação integral, não apenas mecânica e tecnicista. Assume-se o ser humano como um ser integral e que transcende e o reenvia para uma formação ética e espiritual. Num elo do pensamento franciscano com o de Paulo Freire, apontam para uma pedagogia transformadora e humanizadora, fundada no diálogo, na esperança e no amor pela humanidade. Assim propor, na linha de pesquisa “Educação, Sociedade e Processos Formativos”; Formação e Ética, grupo de pesquisa ao qual participamos, uma proposta humanista de educação, válida não somente para os educandos, mas também para os educadores. Trata-se de uma reflexão e de uma prática que conjuntamente estabelecem as bases de uma práxis embebida nos valores advindos da proposta franciscana de educar. Visa-se assim uma contribuição maior para a formação do educando e do educador para a vivência social e profissional, não apenas como instrumentos de produção mecânica, sem sentimentos, mas também com formação ética, espiritual e moral de um ser que transcende, para formar uma sociedade mais humana justa e solidária.

**Palavras-chave:** Frei Agostinho Salvador Piccolo. Pedagogia humanista franciscana. Educação. Paulo Freire. Ética.

## ABSTRACT

This research was inspired in the work of Frei Agostinho Salvador Piccolo, OFM, *“Francisco de Assis: Por uma pedagogia humanista”*. Such work, refers to a Franciscan humanistic pedagogy and mentions Paulo Freire about living to the praxis of a releasing education. Our research intend to respond to an asking of the own Frei Piccolo, in order to reenchant education, in search in a dignity rescue in a human noble project. We believe that the contents and concepts of this work might be beneficial when applied in the classroom and social life. Therefore this work presents goals: to rescue his humanistic thoughts, in a search of a better communication between learner and educator according to values and classroom living. These are the primary goals. The secondary goals are: to situate the integral humanist formation of the Franciscan proposal and highlight its contribution to the educational practical in the graduation of the learners, as well as the educators. It’s about a qualitative research, in a bibliographic perspective descriptive in a Franciscan way of teaching. Invest in an integral formation, not only mechanical and technician. The human being is assumed as an integral being and transcends it and sends it back to an ethical and spiritual formation. In a link of Franciscan thought with that of Paulo Freire, to point to a transforming and humanizing pedagogy founded on dialogue, hope and love for humanity. So purpose, in the research line Education, Society and Training Processes; Formation and Ethics, research group to which we participate, a humanistic proposal of education, valid not only for the students, but also for the educators. . It is a reflection and a practice that together lay the foundations of a praxis embedded in the values derived from the Franciscan proposal of educating. Thereby, a greater contribution is made to the formation of the learner and the educator for the social and professional experience, not only as instruments of mechanical production, without feelings, but also with ethical, spiritual and moral formation of a being that transcends, to form a more humane and just society.

**Keywords:** Frei Agostinho Salvador Piccolo. Franciscan humanist pedagogy. Education. Paulo Freire. Ethic.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- 1CEL - Tomas de Celano Vida I
- 2 CEL - Tomas de Celano Vida II
- 2 CFI - Carta aos fiéis
- 2 EP - Espelho de perfeição (maior)
- 3 S - Legenda dos Três Companheiros (*Três Socii.*)
- 4CT-b - Carta aos fiéis
- Adm - Admoestações
- At - Atos dos Apóstolos
- Dp - Dependência
- CCGG - Constituições Gerais OFM, 1987
- CRB-SP – Conferência dos Religiosos do Brasil
- FFB - Família Franciscana do Brasil
- FIOR - I Fioretti ( Os Forettis = As Florinhas - as Florzinhas)
- GV - Carta aos governantes
- IFAN - Instituto Franciscano de Antropologia
- Jo - Evangelho de São João
- LM - São Boaventura Legenda Maior
- Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- OFM - Ordens dos Frades Menores
- OFS - Ordem Franciscana Secular
- RegB ou RB - Regra Bulada
- RegNB ou RNB - Regra não Bulada
- RFF – Ratio Formationis Franciscanae 1991
- SAV - Serviço de Animação Vocacional
- Sp - O espelho da Perfeição (*speculum perfectionis*)
- USF - Universidade São Francisco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. FREI AGOSTINHO SALVADOR PICCOLO: VIDA, OBRAS E ESCRITOS.....</b>	<b>17</b>
1.1 A vida de Frei Agostinho.....	17
1.2 Obras e escritos .....	22
1.3 O educador franciscano .....	25
1.4 Desafios e perspectivas da educação .....	33
1.5 Palavras de São Francisco .....	38
<b>2.PAULO FREIRE E SEU APORTE PARA UMA PEDAGOGIA HUMANISTA.....</b>	<b>42</b>
2.1 Educação humanizadora ou não .....	42
2.2 Da desumanização à libertação do oprimidos.....	47
2.3 O diálogo como prática para a educação .....	50
2.4 A ação antidialógica na transformação do homem .....	54
<b>3. A ÉTICA E A PEDAGOGIA HUMANISTA .....</b>	<b>59</b>
3.1 Ética, prioridade ou necessidade na formação humana .....	59
3.2 O que deve ser a educação e o educador .....	60
3.3 Ética na educação, valor fundamental para a humanização .....	64
3.4 A formação integral e os conteúdos curriculares .....	66

## INTRODUÇÃO

Eu Djalma do Amaral Pereira, paulista, nasci no dia 21 de março de 1968, na cidade de Tatuapé, São Paulo, capital, casado e com dois filhos. Filho de pais nordestinos, analfabetos e de classe social baixa, que migraram da Bahia para São Paulo na busca do sonho de uma vida melhor. O pai (em memória) era metalúrgico e a mãe doméstica, tiveram oito filhos de sangue e adotaram um quando ainda eram crianças. Em 1977, com nove anos de idade, mudei para Extrema em Minas Gerais devido a uma mudança de emprego do meu pai, ingressando tardiamente no primeiro ano de escola.

Meus estudos básicos foram realizados em escolas públicas muito simples, mas sempre muito atento e interessado nas aulas. Cursei o ensino médio em escola técnica formando em Técnico em Mecânica em 1992. Trabalhei desde em plantações de arroz, milho, capim, feijão e até em olarias, como carregador de caminhão de tijolos e servente de pedreiro. Aos 17 anos comecei a trabalhar em uma empresa metalúrgica, quando me identifiquei com a área de exatas e metal-mecânica e me interessei em fazer engenharia.

Ingressei na Universidade São Francisco, no segundo semestre de 2003 para iniciar meus estudos de graduação, e formei Engenheiro Mecânico – Automação e Sistemas, em 2009. Participando sempre de muitos cursos nesta área, dentre eles: Manutenção Multifuncional em Mecânica Geral, Instrumentações e Medidas Eletrônicas, Programação de Comando Numérico Computadorizado, tornearia e fresamento, Projetos hidráulicos, Desenho Auxiliado por Computador e *Solidworks* e cursos também nas áreas de Qualidade, Meio Ambiente e Auditoria, Chefia e Liderança. Fiz Pós-Graduação em Gestão de Empresas e Negócios em 2013 na Faex, Faculdade de Extrema e iniciei o Mestrado em Educação na Universidade São Francisco em 2015.

Sempre atuando profissionalmente na área de manutenção mecânica, área esta que agora formado, passei a trabalhar e a ajudar a formar pessoas, muitas vezes suprimindo alguns valores como alegria, paciência e amor, em função da dura realidade das exigências que o mercado de trabalho impõe, para que pessoas sejam altamente técnicas e voltadas para a produtividade, repetitividade e excelência em dados e fatos, em empresas que visam apenas o lucro e o sucesso.

Lecionei também por três anos em escolas públicas, em aulas de ensino religioso, devido à sua vivência em instituições religiosas, sempre atuante nos trabalhos pastorais da igreja, como cantor nas celebrações de missas, como ministro extraordinário da eucaristia, na pastoral familiar, Sociedade São Vicente de Paulo e outras. Devido às experiências de trabalho na indústria, comecei a lecionar no Senai em 1997, onde iniciei os estudos como docente em ensino superior, em Bragança Paulista e na Faculdade de Extrema, onde levei a minha formação profissional, como exemplo há muitos alunos que passaram pelas salas de aula. Houve um momento, entretanto, que comecei a refletir que somente a formação técnica não era suficiente para o sucesso profissional, observando pessoas que não são felizes na vida profissional, embora tenham excelentes salários e cargos, e que passam por cima de valores como ética, caridade e amor ao próximo e à natureza, para conquistar seus objetivos, não se importando com as consequências de seus atos.

No entanto quando ingressei na Universidade São Francisco para lecionar, numa entidade confessional com princípios e valores éticos, descobri este lado de preparar pessoas também para a vida. Com o intuito de aperfeiçoar-me iniciei o mestrado em educação, justamente para aprender a trabalhar melhor com os alunos de forma mais completa. Nas primeiras aulas no mestrado, com as leituras de Paulo Freire feitas com o professor Nilo Agostini, que, para mim, é um exemplo de entusiasmo e alegria, comecei a conhecer este lado da formação humana. Recordo-me até hoje como aluno especial, que não possuía nem mesmo um tema bem definido para a dissertação. Foi quando o próprio Frei Nilo com sua paciência e bondade, ao notar seu discípulo perdido, em meio a tantas leituras, presenteou-o com o livro de Frei Agostinho Salvador Piccolo *“Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista”*, e ao ler fiquei entusiasmado pelos ensinamentos e o amor à educação demonstrado pelo autor Frei Agostinho. E como uma resposta aos anseios e à busca do aprender a ser um educador melhor surgiu a ideia para pesquisar, escrever e aprender sobre a pedagogia humanista.

Esta dissertação de mestrado versa sobre a pedagogia humanista segundo Frei Salvador Piccolo com aporte de Paulo Freire e foi baseada numa pesquisa qualitativa das obras e escritos de Frei Agostinho com o aporte de autores como Paulo Freire e Nilo Agostini.

A pesquisa qualitativa pode assumir diferentes significados. Godoy (1995a, p. 62), ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber: O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter

descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo.

Esta investigação tem alguns propósitos, dentre eles, a meu ver, o principal é o intuito de resgatar e destacar a pedagogia humanista franciscana e aprender com ela a viver nas práxis este conceito humanista cristão. A proposta de humanismo cristão foi primeiramente escrita e difundida pelo literato e filósofo Jacques Maritain, nascido em Paris no ano de 1882, foi vinculado na primeira juventude ao socialismo revolucionário e converteu-se ao catolicismo com sua esposa Raissa em 1906, tornando nesta época um defensor do Neotomismo<sup>1</sup>. Após muito refletir sobre a situação da sociedade da época, cultura, os ideais, a condição moral, política e religiosa, escreveu o livro *Humanismo Integral* que alcançou grande ressonância no campo da filosofia e política social da época. O Humanismo Integral descrito por Maritain deve ser entendido dentro do contexto do Neotomismo. Esta obra ficou sendo conhecida no Brasil no ano de 1936 e foi publicada pela editora Nacional em 1945. Jacques Maritain dá ao termo humanismo uma significação nova, elucidada pelos pensamentos de Tomás de Aquino e cita:

O humanismo tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano e a manifestar sua grandeza original, fazendo-o participar de tudo o que, na natureza e na história [...] o possa enriquecer; suas exigências são exaustivas, levando o homem a desenvolver suas virtualidade intrínsecas, suas forças criativas e a sua vida da razão, se esforçando também a transformar as forças do mundo físico em instrumentos de sua liberdade (MARITAIN, 1945, p. 298).

Com este livro Maritain mostra um humanismo moderno, muito diferente do humanismo renascentista que era conhecido como humanismo burguês, o qual era essencialmente racionalista e guiava o homem para viver sob o domínio apenas da razão e negava outras dimensões da vida humana como a arte, a poesia e a vida religiosa. O humanismo integral de Maritain respeita e promove a dignidade da pessoa, assim como veremos na pesquisa feita sobre a pedagogia humanista franciscana. Um humanismo que visa a integridade da pessoa, que vai além da racionalidade nua e crua do humanismo burguês. Com o lançamento do seu livro no Brasil, Villaça (1975, p.16) cita em seu livro “*O pensamento Católico no Brasil*” que sua proposta de “[...] humanismo significava ousadia, vanguardismo, o que tinha de mais avançado no mundo”, e Maritain assim diz sobre este humanismo.

---

<sup>1</sup> Neotomismo significa o ressurgimento da filosofia de São Tomás de Aquino.

Este novo humanismo, sem medida comum com o humanismo burguês, e tanto mais humano quanto menos adora o homem, mas respeita, realmente e efetivamente a dignidade humana e dá direito às exigências integrais da pessoa, nós o concebemos como que orientado para uma realização social-temporal desta atenção evangélica ao humano, a qual não deve existir somente na ordem espiritual, mas concerne encarnar-se, e também para o ideal de uma comunidade fraterna (MARITAIN, 1945. p. 8).

Com isto deseja-se destacar nesta dissertação a contribuição da pedagogia humanista para prática educacional na formação acadêmica dos educandos e educadores e também como diz o próprio Frei Agostinho em sua obra *“Francisco de Assis: Por uma Pedagogia Humanista”*, “desvelar, pelos mesmos escritos, a convicção que Francisco tem de conduzir, educando, de propor um caminho, diria, o caminho de reencantar a educação e de resgatar a dignidade e a nobreza do projeto humano” (PICCOLO, 2005, p. 20), e fazer aparecer novas obras sobre esta pedagogia. Nesta pesquisa não só se escreve sobre a pedagogia humanista, como também há o esforço de vivenciá-la na prática como educador e divulgá-la.

A dissertação está dividida em três capítulos, a saber:

O capítulo I tem como tema: Frei Agostinho Salvador Piccolo: vida, obras e escritos. Neste capítulo fazemos uma pesquisa das suas obras e escritos, são elas: *“Francisco de Assis: Por uma Pedagogia Humanista”* que é o mote deste trabalho e outros como o *“Perfil do Educador Franciscano”* e *“São Francisco de Assis – Sempre”*. Por meio destas obras, Frei Agostinho nos admoesta a uma vida e uma formação integral, alma, corpo e vida religiosa do ser humano. É descrita desde a sua infância, vida no seminário e ordenação, obras, amigos e vocação até seus escritos e obras nos quais ressaltam-se temas como o exemplo do educador franciscano e sua espiritualidade e os valores pedagógicos iluminados por São Francisco de Assis. Frei Agostinho destaca em sua obra, Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista alguns autores como: A. Nanni, Hugo Assmann, Jacques Delors e Paulo Freire citado nesta pesquisa que tiveram fundamental importância nos conceitos do perfil de um educador franciscano a partir de um novo paradigma pedagógico, finaliza-se este capítulo com as palavras de São Francisco de Assis e a pedagogia franciscana. Conceitos que são ricos em gestos, palavras e atos de São Francisco e nos remete a ideia central deste trabalho que é ressaltar a importância desta pedagogia humanista.

O capítulo II intitulado: Paulo Freire e seu aporte para uma pedagogia humanista. Remete-se a um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um pensador importante na história da pedagogia mundial, influenciou o movimento chamado de

pedagogia crítica. Tendo feito estudos e pesquisas nas aulas de mestrado sobre os seus escritos, faz-se recorte de obras como: “*A educação bancária e a Pedagogia do oprimido*”; “*A educação como prática de liberdade*”, “*Conscientização*” e “*Pedagogia dos Sonhos Possíveis*”. Ressalta-se ainda, nesse capítulo, a dedicação e o empenho de Paulo Freire para a educação que liberta, fazendo emergir uma nova pedagogia na qual a educação se torna uma força de mudança e libertação, tendo a conscientização como proposta de humanização, sonho e esperança.

No capítulo III, é desenvolvido o tema: A Ética e a pedagogia humanista. Neste capítulo apresenta-se uma correlação entre as obras de Paulo Freire e autores como Frei Nilo, Paulo Freire, Severino, com o intuito de traçar um perfil ético para os educadores como também apontar para a ética. Afinal, a ética é uma prioridade ou uma necessidade na educação atual de nossos educandos e em nossas instituições? Aristóteles já dizia: “O homem, quando ético, é o melhor dos animais, mas, separados da lei e da justiça é o pior de todos” (PEGORARO, 1997, p. 9).

Visando a construção do sujeito ético na Educação, em pesquisa na obra de Frei Nilo Agostini (2010) em seu livro: “*Ética, Diálogo e Compromisso*”, para quem essa formação ética é uma necessidade do processo formativo humano, que não pode ser reduzida a uma simples tarefa de produção, organização e distribuição de conhecimentos e de habilidades. Delineia-se, assim, uma rica reflexão sobre esta palavra tão pequena e ao mesmo tempo tão necessária nos nossos dias.

Frei Agostinho na introdução do seu livro, “*Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista*”, no resumo inicial feito pelo seu ex-aluno Frei Vitório Mazzuco OFM cita:

Educadores são apóstolos do humano. Educadores elaboram sendas para a humanidade; podem não ter respostas imediatas, mas apontam caminhos para reencantar os valores que norteiam a nossa vida. Faz-se necessário recuperar o que temos de humano e divino; é preciso desdobrar cada vez melhor este Ser que já somos. Quando a humanidade tem suas crises, quando em certas épocas avança em conquista, mas esquece do humano, nivelando por baixo seus valores, aí surge alguém para nos reconduzir à vontade de nós mesmos e nos ensinar novamente a ser capazes de fazer a releitura da vida. Tanto para o período medieval quanto para a modernidade e pós-modernidade levanta-se uma estrela guia: Francisco de Assis, fonte de inspiração para uma nova pedagogia humanista (PICCOLO, 2005, p.15).

A concepção franciscana de educação apoia-se numa visão antropológica que remete a Francisco de Assis<sup>2</sup>. Ele inspira uma prática pedagógica integral, que se responsabiliza pela totalidade do ser humano: seu caráter, sua cognição, sua relação com o mundo, [...] com os outros homens e com Deus. Nas fontes bibliográficas e hagiográficas de São Francisco de Assis, encontram-se vários elementos que qualificam o fundador da Ordem franciscana como “Mestre de vida integral” (ZAVALLONI, 1999, p. 23-24).

Narra-se acerca de muitos gestos de amor, cortesia, respeito, gratidão e bondade que atestam a sensibilidade de Francisco como formador e educador. Francisco tinha a preocupação de, primeiramente, praticar o que, em seguida, haveria de ensinar por palavras. [...] Virtudes como a cortesia, a misericórdia, o amor a Deus e a todas as pessoas, indistintamente, compõem uma parte do corolário do carisma franciscano. Francisco inclinou-se diante do *podestá* (prefeito) de Assis, mas também diante do leproso. Ele não fez opção preferencial por uma classe, mas pela pessoa humana (MERINO, 1999, p. 192-193).

Com esta introdução feita acerca da Pedagogia Humanista iniciamos aqui o desenvolvimento dos capítulos I, descrevendo um pouco do primeiro objeto de pesquisa que é, a vida e obras de Frei Agostinho Salvador Piccolo, suas aspirações e desejo, seus escritos e vivência na educação, que pode ser resumido a uma proposta de vida e formação integral e humana, do ser que vive e se inspira na vida de São Francisco de Assis que é a inspiração central deste estudo. A proposta de encontrar na pessoa de Francisco de Assis o educador ideal, com seu testemunho e sonhos, buscando assim o exemplo de educador ideal.

---

<sup>2</sup> São Francisco de Assis (1182-1226), filho de comerciantes abastados, abandonou todas as riquezas para assumir uma vida de pobreza a exemplo de Jesus Cristo. Seu modo de vida simples, seu carisma apaixonante e a forma evangélica de vida que assumiu cativaram multidões. Fundou três Ordens religiosas: a Ordem dos Frades Menores, dos frades; a Ordem das Damas Pobres, das clarissas; e a Ordem Franciscana Secular, destinada aos que desejam viver o carisma franciscano dentro do estado leigo, no seio da família.

# 1. FREI AGOSTINHO SALVADOR PICCOLO: VIDA, OBRAS E ESCRITOS

## 1.1 A vida de Frei Agostinho

Frei Agostinho nasceu no dia primeiro de janeiro de 1930, em São Paulo, no bairro do Pari. Seu pai se chamava João Piccolo e exerceu a profissão de barbeiro. A mãe se chamava Josefina Beraldi. Tiveram sete filhos e moravam na Rua Oriente, bairro do Pari, São Paulo. Foi batizado quando tinha dez meses e crismado quando completou quatro anos. Fez os seus estudos básicos e o ensino médio no Seminário São Luís de Tolosa, em Rio Negro, Paraná, de 1945 a 1949, ingressando no seminário de Rio Negro aos 15 anos. Concluiu o ensino médio no Seminário Santo Antônio em Agudos, São Paulo, em 1950. Pertenceu à turma que inaugurou o seminário de Agudos em 1950. Foi admitido no Noviciado Franciscano em 19 de dezembro deste mesmo ano. Recebeu o nome de frei Pacômio ao entrar na ordem, tendo trocado o nome no dia 30 de julho de 1956, para Frei Agostinho. Não voltou mais ao nome de batismo, que era José. Ao assumir o nome de Agostinho, conservou o segundo nome de batismo, ou seja, Salvador (VIDA FRANCISCANA, 2015<sup>3</sup>).

Por ocasião do Jubileu de Ouro de seu sacerdócio, celebrado no domingo 24 de junho de 2007, festa de São João Batista, na igreja de Santo Antônio do Pari, Moacir Beggo o entrevistou para as Comunicações (VIDA FRANCISCANA, 2015, p. 276). Ao responder à pergunta sobre como nasceu a sua vocação para a vida franciscana, respondeu:

A palavra vocação é muito rica, desde seu étimo. Vem do Latim: *Vocatio* do verbo '*vocare*' que significa chamar, ato de chamar (-se) ou o seu efeito, é uma disposição natural, tendência, algum talento, dom natural (VIDA FRANCISCANA, 2015, p. 276).

Cita como exemplo o jogador de futebol Pelé, que tinha um dom natural para jogar bola, e Ana Botafogo, que tem um dom natural para dança. E afirma: “A vocação é o chamado que Deus dirige ao homem a quem Ele escolheu para si e destina a uma obra especial do seu plano” (VIDA FRANCISCANA, 2015, p. 276). Para Frei Agostinho, a vocação conota um chamamento para um estado de vida próprio como o matrimônio, a vida religiosa, o sacerdócio etc. Diz que, no caso dele, a vocação franciscana não nasceu de um

---

<sup>3</sup> Citado nas referencias como: Piccolo Agostinho Salvador. **Uma vida na e para a formação.** Vida franciscana. São Paulo. v. 72, n. 89, p. 272-291, dez. 2015.

encanto infantil; ele sonhava com a aviação. Do sobrado da sua casa, no Brás, ele via a pista de aviação do campo de Marte, onde aos sábados à tarde funcionava a escola de voos e o treinamento de pilotos; ele se encantava com isto. Também pensou em medicina e, a partir de comentários de outros, pensou em advocacia, formar em diplomata ou locutor, pois gostava de falar. A vocação surgiu quando, exercendo a função de coroinha da igreja de Santo de Antônio, assistiu um filme sobre as missões entre os índios da prelazia de Chapada dos Guimarães, sendo o bispo de lá, um franciscano, Dom Vunibaldo Talleur. Ficou encantado com esta aventura. Chegando na sua adolescência, disse: “Pra lá é que vou”. Fez contatos com os Frades no Pari, por quem foi orientado. Cristalizou a ideia de se formar um franciscano. Para muitos, foi uma surpresa, pois era muito “sapeco” (segundo suas próprias palavras), mas um menino bem “legal”. Louco por bola, tricampeão paulista de basquete colegial, adorava também cinema e estava sempre cercado de fãzinhas do colégio e do bairro. Mas, Deus foi “mexendo os pauzinhos” e acabou no time de São Francisco de Assis (VIDA FRANCISCANA, 2015).

Fez sua primeira profissão religiosa dos votos temporários no dia 20 de dezembro de 1951, em Rodeio, Estado de Santa Catarina. Estudou filosofia em Curitiba, Paraná, de 1952 a 1953. Estudou teologia em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, de 1954 a 1957. Sua ordenação diaconal foi igualmente em Petrópolis, realizada no dia 21 de dezembro de 1956. Foi ordenado presbítero, em Petrópolis, no dia 2 de julho de 1957, fez Bacharelado em Letras Neolatinas na Universidade Católica de Petrópolis, no Rio de Janeiro. E concluiu o curso em 1958 (VIDA FRANCISCANA, 2015).

Frei Agostinho fez estágio pastoral no Convento de Santo Antônio, cidade do Rio de Janeiro, em 1958. Obteve a licenciatura em Letras Neolatinas pela Universidade São Paulo, em 1960. Em seguida, foi professor no Seminário Santo Antônio em Agudos, interior do Estado de São Paulo, onde exerceu a função de orientador educacional, vice-diretor e diretor do Seminário, bem como foi presidente do Mobral, na cidade de Agudos, no período de 1964 a 1973. No primeiro semestre de 1969, estudou Língua e Literatura Inglesa, Psicologia Educacional e Orientação Educacional em Washington e em Nova Iorque, nos Estados Unidos. No segundo semestre de 1969, fez o curso de Língua e Literatura Francesa em Paris, Psicologia Vocacional na Bélgica, Psicologia Educacional e Espiritualidade Franciscana em Roma, na Itália.

Na sede da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, em São Paulo, foi secretário e vigário paroquial. Foi igualmente secretário-geral da Conferência dos Franciscanos do Brasil e secretário-geral da União das Conferências Latino-americanas Franciscanas, de 1974 a 1976. Em 1975, foi visitador geral da Custódia Franciscana de São Benedito da Amazônia, em Santarém, no Pará, e, em 1976, da Província Franciscana de Santa Cruz, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 1979, foi Guardião da Fraternidade Franciscana e Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Paz, ambas em Itapema, no Rio de Janeiro. No ano de 1980, tomou posse como Diretor do Colégio Senhor Bom Jesus de Curitiba, PR, assumiu igualmente a função de vigário da Fraternidade Bom Jesus dos Perdões até 1988. De 1989 a 1991 foi coordenador do Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN), da Universidade São Francisco em Bragança Paulista e prestou o serviço de vigário da Fraternidade São Francisco de Assis, na mesma cidade (VIDA FRANCISCANA, 2015).

De 1992 a 1999, Frei Agostinho foi diretor do Colégio e Guardião do Convento na Paróquia Santo Antônio do Pari, em São Paulo. De 1999 a 2003, foi confessor na Basílica do Latrão, em Roma, Itália, um serviço prestado durante o Ano Santo de 2000 e estendido logo em seguida. Estudou Espiritualidade Franciscana no Pontifício Ateneu Antoniano, em Roma. No segundo semestre de 2003, foi para Bragança Paulista, onde assumiu a função de guardião da Fraternidade São Francisco de Assis. Entre os anos de 2004 a 2006, ele assumiu igualmente as funções de vice-reitor da Universidade São Francisco e de diretor do IFAN. Em 2008, voltou a assumir o serviço de guardião e a função de vigário paroquial da Paróquia Santo Antônio do Pari. Concomitantemente, exerceu as funções de diretor do IFAN, da USF, e do Colégio Santo Antônio do Pari. Foi igualmente atendente conventual e assistente da Ordem Franciscano Secular (OFS), representante do ministro provincial junto à Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB-SP), em dezembro de 2009 em São Paulo, e atendente conventual e animador do Serviço de Animação Vocacional (SAV) local em 2012, em Bragança Paulista. Frei Agostinho Salvador Piccolo:

Não dirigia carro, não tocava instrumentos, nunca viajou a cavalo, não sabia dizer não [...]. Na *Acta Ordinis* na notificação de sua morte escreveram: Onipresente e sempre contente. Educado, fino, leve, atento e provocador em sua presença, fala e silêncio. Jovem de alma e coração, nunca se deixou arcar pela idade (VIDA FRANCISCANA, 2015, p. 275).

Frei Agostinho era uma pessoa muito cordial; tinha um modo atencioso e bem-humorado de aproximar-se e manifestar interesse, afeto e carinho para com todos. Em 2008,

completou 40 anos de serviço na educação; considerava obra do coração capaz de construir um mundo em que seria menos difícil amar.

Por ocasião do Jubileu de 50 anos de sacerdócio de Frei Agostinho, em 2007, Frei Vitório Mazzuco, na homilia, assim se exprimia na revista *Vida Franciscana* (2015).

Quando temos Frei Agostinho entre nós, a vida é melhor. Ele faz existir momentos de beleza e bondade dentro de nós... e isto deixa marcas profundas: é o sentimento de todos nós, seus confrades, alunos e ex-alunos e sempre admiradores. Ele é para nós o Franciscano sacerdote e nos mostra o que é um sacerdócio Franciscano: unção, reverência, serenidade e devoção. Ele é o sacerdote da Educação! Nos ensina que educar é abençoar a grandeza do humano, é convocar a existir. Mergulhado na sensibilidade nos mostra o espírito de firmeza de percepção e gentileza (VIDA FRANCISCANA, 2015, p. 276).

Na mesma ocasião, Frei Agostinho, agradecido, dizia:

Com o coração generoso do apóstolo Paulo repito a cada um, palavras de inspiração e Unção: ‘Deus me é testemunha da ternura que sinto por vocês todos no amor de Jesus Cristo’ (*Fl, 1.8*). E rogo: o Deus da sabedoria e bondade, o Deus misericordioso nos acolha na riqueza de nossa pluralidade e nos consagre a beleza da unidade (VIDA FRANCISCANA 2015, p. 276).

Frei Walter de Carvalho Júnior, secretário da Província Franciscana, escreveu por ocasião da notícia de sua morte:

Hoje nós rogamos a Deus por Frei Agostinho! Que ele seja acolhido e eternamente consagrado testemunhas que somos de tudo bem que ele fez entre nós nas nossas Fraternidades na atenção e cuidado aos jovens e doentes (VIDA FRANCISCANA, 2015, p. 276).

Frei Agostinho faleceu no dia 28 de novembro de 2014 por um infarto agudo no miocárdio, insuficiência coronariana e hipertensão arterial. Frei Agostinho em sua cordialidade e gentileza sempre tinha um jeitinho atencioso e bem-humorado de se aproximar e expressar interesse, afeto e carinho por todos e mostrar sua humildade e afeto na minoridade franciscana como cita no *Ratio Formationis Francicanae*<sup>4</sup> de 1991.

A formação franciscana tem seu fundamento no encontro pessoal com o Senhor e se inicia com o chamado de Deus e decisão de cada um de seguir, com São Francisco, as pegadas do Cristo pobre e crucificado, como discípulo seu, sob a ação do Espírito Santo. A formação franciscana é um modo contínuo de crescimento e de conversão que compromete toda a vida da pessoa, chamada a desenvolver a própria dimensão humana, cristã e franciscana, vivendo radicalmente o Evangelho, em espírito de oração e

---

<sup>4</sup> Sigla RFF - Documentos – n° 15 do Órgão de documentação da Conferencia Franciscana. Cúria geral da Ordem dos Frades Menores, 1991.

devoção em fraternidade e minoridade. [...] O seguimento de Jesus Cristo, segundo a forma de vida de São Francisco, leva o frade menor a comprometer-se com a Igreja e por-se a serviço dos homens do nosso tempo, como mensageiros da reconciliação e da paz (RFF, 1991, p.11-12).

Conforme o documento *Ratio Formationis Francicanae* (1991 p. 12), a vida do frade menor é seguir mais de perto a Jesus Cristo, movidos pelo Espírito Santo, fieis na própria vocação de menores, num contínuo caminho de conversão, segundo a forma observada e proposta por São Francisco. Os frades menores, conduzidos pelo Espírito Santo, se fazem discípulos do Senhor, considerando-o como único mestre de sua vida de penitência. A regra e vida dos frades menores é observar o santo Evangelho, seguindo a Cristo pobre e humilde. O frade menor fundamenta a vida e formação no Evangelho e na Regra, meditada e acolhida em seu coração à luz do exemplo e dos escritos de São Francisco e de seus seguidores. A forma da vida evangélica dos frades menores, segundo a Regra de São Francisco, é interpretada e aplicada no mundo de hoje pelas Constituições Gerais, (CCGG) da Ordem dos Frades Menores, (OFM). O frade menor para viver o carisma franciscano, deve conhecer as Constituições Gerais e Particulares e ordenar sua vida pessoal e fraterna em conformidade com os mesmos.

Ainda no RFF (1991 p. 13), diz que para seguir mais de perto os passos de Jesus Cristo e observar o santo Evangelho, os frades menores vivem uma aliança com Deus consagrando-se totalmente a Ele na Igreja, mediante a profissão religiosa, para o bem dos homens (CCGG, 5; 1-2). O frade menor é chamado a observar o santo Evangelho “vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade” (RB,<sup>5</sup> 1,1), ajudado pela graça de Deus e pelo vigor da caridade, segundo o espírito de São Francisco. Para seguir Cristo, “que pôs sua vontade na do Pai” (2 CFI,<sup>6</sup>10), os frades menores renunciam a si mesmo e entram na obediência (RB, 2,11; 102,2), prometendo obedecer ao Senhor Deus, servir e obedecer-se uns aos outros (RNB,<sup>7</sup> 5,14) e obedecer aos ministros e servos da fraternidade (RB, 10, 1-3; CCGG, 7,1-2). O frade menor é formado na obediência madura e responsável através da escuta da palavra de Deus, do diálogo com os frades e os ministros, do serviço e da comunhão fraterna. Para seguir a Cristo, “que por nós se fez pobre neste mundo” (RB, 6,3), os frades se despojam radicalmente de si mesmos e de qualquer coisa e vivem como menores “entre os pobres e fracos” (RNB, 9,2), anunciando ao mundo as bem-aventuranças com alegria (CCGG, 8,3). O frade menor adquire progressivamente a disponibilidade pessoal para compartilhar

---

<sup>5</sup> RegB ou RB, Regra Bulada.

<sup>6</sup> 2 CFI, Carta aos fieis (segunda recensão).

<sup>7</sup> RegNB ou RnB, Regra não Bulada.

tudo o que tem, enquanto servo e sujeito a toda humana criatura por Deus (2 CFI, 47), levando uma vida humilde, laboriosa e sóbria. Para seguir radicalmente a Cristo com coração indiviso “pelo Reino dos céus” (Mt, 19,21), os frades menores vivem a castidade como “dom de Deus com o coração e ânimo puros” (Adm, 16,2), e se dedicam totalmente a Ele, vivendo uma vida evangélica e fraterna (CCGG, 9,3). O frade menor mantém a própria vida em castidade com dedicação generosa à missão própria da Ordem, com o cuidado de uma sólida maturidade afetiva nas relações com irmãos e com todas as demais pessoas, com um olhar simples e sereno para as criaturas (RFF, 1991).

Frei Agostinho via as qualidades de um educador franciscano desta forma: coração solidário que saiba acolher, de sabedoria e ciência, de espírito comunitário e cortês, de idealismo e sonho, de serenidade e firmeza, de vida interior capaz de mergulhar e mergulhar-nos no divino e despertar a esperança de uma sociedade justa, solidária e de paz (PICCOLO, 2005).

## **1.2 Obras e escritos**

Nas obras e escritos de Frei Agostinho Salvador Piccolo descritos abaixo, faz-se recortes de algumas partes, principalmente do livro que foi a inspiração para se escrever esta dissertação que é: *Francisco de Assis: Por uma Pedagogia Humanista*, descrevendo abaixo relatos e resumos fundamentas destes escritos que vão no decorrer deste trabalho tomando corpo e delineando com a proposta desta dissertação que versa sobre a pedagogia humanista franciscana segundo Frei Agostinho e aporte de Paulo Freire.

Educar para a fé, para os direitos à vida, para a vida do universo, educar para a vida de solidariedade, para a inter-relação fraterna, para a justiça e para a paz, bem como para a transcendência, a beleza, a ternura e o amor. Francisco é visto na complementaridade de Clara, pessoas ternas e fortes, irmãs e irmãos, pai e mãe, profundamente humanos e consequentemente divinos. São modelos vivos, tornando-se mestres de uma pedagogia para edificar o humano a partir do espírito. É um desafio a todos os educadores franciscanos, manter esta herança com muita responsabilidade e jamais deixar de se questionar qual é modo franciscano de educar (PICCOLO, 2005).

Segundo a pedagogia humanista franciscana descrita por Frei Agostinho, o ser humano, é levado à fraternidade universal, tecida com todas as pessoas e com todo o ser criado. Ela convida que pratiquemos na minoridade, no serviço humilde a todas as crianças,

adolescentes e jovens que buscam ser educados dentro deste perfil franciscano. Quem é o Mestre, professor, educador? No próprio Evangelho, ensinado por Jesus, lemos: “Vocês me chamam de Mestre, e tem razão, porque eu sou” (Jo, 13,13). Nas Escrituras, Jesus se mostra como pedagogo, como educador. No seu livro “*Perfil do Educador Franciscano*”, Piccolo descreve: “pedagogo”, segundo o termo do grego clássico, significa escravo, encarregado de conduzir as crianças; faz menção àquele que instrui, dirige, governa, forma, educa as crianças, os corações. “Educador”, por sua vez, provém do latim e designa o *aio*, o mestre, o que tem cuidado da educação dos meninos. O substantivo *educatio* quer dizer: a educação, a criação dos filhos (PICCOLO, 1998, p. 11-12). Clara de Assis, por sua vez, revela o rosto feminino do Franciscanismo; ela e Francisco de Assis viveram de maneira profunda o ideal humanista.

Viveram e consagraram profundo ideal humano-cristão. Na linha vertical, de ascensão ao transcendente transformador a Deus. Na linha horizontal, de fraternização com as pessoas todas, indistintamente; e de comunhão com a natureza, na dignificação e reverência de toda criatura e do cosmo (PICCOLO, 1998, p. 13).

Frei Agostinho descreve alguns elementos fundamentais que inspiraram a vida de São Francisco e marcaram a espiritualidade e carisma franciscano.

Amor-contemplação: São Francisco transcende na história como homem do amor, pessoa que viveu o amor. Tomás de Celano<sup>8</sup> gravou com unção do Espírito a nobreza do seu amor-união, ao afirmar: “Devemos amar o amor daquele que tanto nos amou” (2 CEL, 196). Frei Agostinho (1988) relata em seu livro *Perfil do Educador Franciscano* que esse amor-contemplação une Francisco ao seu Deus. “Com o melhor de nossas forças, de todo o coração, havemos de amar, servir, adorar, honrar a este Deus Amor que vive em nós” (RB, 22, 23).

Fraternidade-ação, amor universal: no mesmo amor, acolhia a cada pessoa como outro filho e filha, como irmão e irmã e o estendia a cada criatura. Francisco não deprecia o humano, antes o exalta às alturas mais sublimes. O carisma franciscano do amor fraternal manifesta-se ainda mais em uma qualidade forte e acolhedora que nasce deste amor: a confiança mútua tão plena que supõe certeza de acolhido, de ser ouvido e ser entendido. A cortesia assinala também para o estilo cavalheiresco de Francisco. A cortesia é uma virtude. Dizia, “Deus é cortês, pois dá o sol e sua chuva a justos e injustos” (PICCOLO, 1998, p. 43). A cortesia é irmã da caridade, a qual extingue o ódio e conserva o amor (FIOR, 37).

---

<sup>8</sup>O primeiro biógrafo de São Francisco, nasceu por volta de 1185 na cidadezinha de Celano, nas montanhas dos Abruços. Acolhido na Ordem em 1215, pelo próprio São Francisco (Fonte: Franciscanos, 2018).

Mansidão, gentileza, paciência, afabilidade mais que humano, liberdade que ultrapassa seus recursos eram sinais de sua natureza privilegiada que anunciavam já uma efusão mais abundante ainda da graça divina nele (LM, 1,1).

A cortesia envolve uma série de valores: lealdade, generosidade, prodigalidade, fineza no trato, atenção devota à pessoa do outro, gênio do gosto, comunidade dos que amam o belo. Em Francisco, a cortesia não é uma etiqueta, uma norma de civilidade social, mas é uma expressão insubornável de seu sentimento interior. É um relacionamento de respeito, retidão e sinceridade (PICCOLO, 1998).

Minoridade-doação serviçal: Sendo uma Ordem de frades menores, o que é ser menor no carisma franciscano? Francisco orientava: “Ser menor e ser submisso a todos”, isto é disponível e serviçal (RNB, 5.15; 6.3. e RB, 3, 11-12). O gesto de se ajoelharem diante dos leprosos era sinal de submissão e sim de admissão de sua plena dignidade humana. Tratava-se de ser pequeno para entender a grandeza do outro, não atropelar o outro na sua dignidade humana (PICCOLO, 1998). “A minoridade é mais que uma virtude, e coloca a pessoa a servir, sempre aberta ao diálogo, à comunhão, ao conviver com toda realidade muitas vezes conflitiva” (BOFF, 1999, p. 77).

Eclesialidade-comunhão aberta: “Os irmãos sempre se mantenham submissos e prontos a servir aos prelados e clérigos da Santa Mãe Igreja” (Escritos, p. 174). Esta face do carisma está presente nos escritos de toda vida do Santo. Na viagem missionária à Síria, Francisco apresentou-se com encantadora simpatia ao “Sultão dos sarracenos” (1 CEL, 57); encarna uma forma nova de comunhão, de diálogo inter-religioso-ecumênico, na linguagem de hoje. O carisma eclesial franciscano é muito importante. Fala de abertura à comunidade. O desafio é a abertura ao serviço da comunidade, em toda parte, em todos os setores de pastoral, de evangelização, inclusive o de diálogo ecumênico.

Paz-libertação: *Shalon*, do hebraico, sinaliza o estado do indivíduo ou do país que nada pode perturbar interior ou exteriormente. Significa, em primeiro lugar, saúde e tranquilidade (Gn, 37,14). São Francisco de Assis, já por caráter-tipo, era homem de paz, testemunha o primeiro biógrafo (1 CEL, 83). Antes de propor aos ouvintes a palavra de Deus, invocava a paz, dizendo: “*O Senhor lhe dê a Paz!*”! Homem de paz, Francisco assinalou para a sua Ordem e seguidores a sublime missão de anunciar a paz: “Vão caríssimos por toda parte do mundo, anunciando a todos a paz!” (1 CEL, 29; LM, 3, 76). A saudação franciscana por

excelência, marca registrada, de revelação divina, atravessa os séculos e a história, convocando a todos a vivê-la e comunicá-la: O Senhor lhe dê a paz!” “Paz e Bem” (3S, 26).

### 1.3 O educador franciscano

O educador franciscano, segundo Frei Agostinho, se distingue como uma pessoa de serviço, que anima, uma pessoa de sabedoria, de autenticidade, de cortesia, de alegria, da ecologia, de paz, de amor a Deus (PICCOLO, 1998).

Abaixo algumas citações do livro: *Perfil de um Educador Franciscano* (1998), que se inspira em fontes genuínas de vida e de ideais de São Francisco e Santa Clara de Assis. Não redigiram, o irmão Sol e irmã Lua, manual específico da pedagogia ou orientação educacional. Foram e são espelhos de relacionamento humano, um pouco e muito da imagem divina. Francisco definia-se “o menor dos irmãos” (Test, 41), “o servo de todos, prontos para servir a todos” (4 CT-b).

Na pedagogia franciscana, o educador é uma pessoa a serviço, disponível: Consciente da comunhão fraterna e cabe ao educador estar sempre ao lado dos alunos, ajudando-os nas dificuldades de estudo, ajudando-os a crescer como cidadão e como pessoa. Que o aluno possa ver no professor a expressão conte comigo (PICCOLO, 1998).

Dizia Francisco a um frade que andava desanimado: Não se deixe perturbar por nada. Você é um irmão muito querido, digno de meu afeto e minha amizade. Tenham coragem, amados filhos, alegrem-se no Senhor. Deus fará de nós uma imensa multidão, e pela graça de sua benção, nos multiplicará sempre mais (LM, 3,6).

Outra característica do educador franciscano é ser uma pessoa que anima, acolhedor: Animar, entusiasmar nasce da característica de ser humano no acolhimento, de identificar-se com o aluno nas diversas situações existenciais. Possa o aluno descobrir um letreiro luminoso, bem fraterno, no coração de seu professor: Entrada Franca, um professor que diz sempre, Coragem! Confie! Vamos em frente! (PICCOLO, 1998).

O santo aprendeu a sabedoria do alto, que vem de Deus. Lia os livros sagrados, e o que punha uma vez na cabeça indelevelmente gravado em seu coração. Resolvia inteligentemente as questões e dúvidas que lhes apresentassem (2 CEL, 102).

Segundo Frei Agostinho (1988), o educador é igualmente chamado a ser uma pessoa de sabedoria, equilibrado: Professor deve empenhar-se na formação continuada, permanente; não para na simples graduação, mas se especializa cada vez mais. Torna-se professor mais sábio, justo, equilibrado no trato com os colegas e na interação múltipla com os alunos; as aulas são bem preparadas e agradáveis; usa recursos didático-pedagógicos disponíveis visando sempre uma visão integral do aluno, atingindo a educação do coração, como coração da educação.

Deus é verdade. O Deus da vida (ADM, 16,2). São Francisco tinha por princípio não aparecer jamais como um hipócrita (SP, 63). Importa desmascarar toda hipocrisia (LM, 6,2) sentenciava por gestos simbólicos o discípulo profeta de Cristo (PICCOLO, 1998, p. 64).

Precisa ser uma pessoa de autenticidade, sincero, transparente: Sim – sim. Não – não. Na linguagem bíblica do mestre, revela autenticidade. Importa despertar no aluno a admiração e a vontade de imitá-lo, por ser um professor autêntico, transparente, sincero. Cabe tratar com equidade e humildade a todos, coerente e bondoso, sempre elogiando, impulsionando os que se distinguem positivamente. Por outro lado, cumpre aplicar a correção com firmeza e fineza (PICCOLO, 1998). “Deus é cortês. Ele dá sol e sua chuva aos justos e aos injustos por cortesia; e a cortesia é irmã da caridade, a qual extingue o ódio e conserva o amor” (FIOR, 37).

Frei Agostinho em seu livro *O Perfil do Educador Franciscano* (1988, p.65) diz que a cortesia não é etiqueta, mera norma de civilidade social. Na raiz da palavra, está *cor* = coração, no Latim. Cortesia, benignidade é uma expressão de amor. Hoje, em meio a tanta agressividade, é desafiador ser cortês. Este é um gesto que motiva e recupera o humano, cria a empatia.

Exortava Francisco os Irmãos: Prometemos grandes coisas, maiores do que estão prometidas. Observemos as primeiras e suspiremos pelas segundas (2 CEL, 191). Cumpri minha missão. Cristo os ensine a cumprir a sua (2 CEL, 214).

Idealista, renovador, criativo: Pergunta-se; onde ficou o ideal, o sonho, o sorriso dos jovens anos, do jovem Educador? Importa estar longe da mesmice, do faz de conta, o fingir ensinar e educar. O aluno fará mesma coisa. No estilo franciscano, importa renovar-se, ser criativo, recomeçar sempre de novo. Qualidade crescente, paradigmas renovadores para construir pessoas não conformistas e passivas e sim esclarecidas e participativas. “Deus é

alegria. Os irmãos se mostrem alegres” (RNB, 7,16). “Francisco doava com alegria bens de que pessoas precisavam e doava pessoalmente com alegria” (1 CEL, 76; 2 CEL, 181, LM, 3,1).

Pessoa de alegria, estar de bem com a vida: o professor receber seu aluno sempre com um sorriso, com um bom dia, boa tarde, boa noite ao encontrá-lo, sistematicamente do primeiro ao ultimo dia de aula do semestre ou período letivo.

Que alegria sentia Francisco diante das flores, vendo-lhes a beleza, aspirando seu perfume. Chamava todas as criaturas de irmãs, descobria os segredos do coração das criaturas, parecia um homem do outro mundo, (1 CEL, 81; 2 CEL, 165).

Pessoa da ecologia, amigo, ético, solidário: o modo franciscano de ser, traduz-se por não ser o senhor das coisas, do “estar sobre” e sim, do “estar com”, viver junto, como irmãos e irmãs, em casa. Assim, é com o ecológico (*oikos* = casa do Grego). Cumpre transfundir no cotidiano, aos alunos, a sensibilidade de que os seres humanos, fazem parte e parcela da natureza. Importa entender que filhos da Terra, ou ainda melhor “são a própria Terra”. Segundo Frei Agostinho, como concretizar este ideal? Eis um programa chave: Ser ético, inculcar respeito e dignidade às pessoas, bem como respeito e reverência à natureza. Ter respeito, ser solidário, cidadão universal. Ser amigo, ser amiga (PICCOLO, 1998).

Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: “O Senhor lhes dê a Paz!” (TEST, 6). “Em todas as pregações, antes de propor aos ouvintes a palavra, invocara a paz, dizendo: O Senhor lhes dê a paz!” (1CEL, 23).

Pessoa de paz, pacífico, pacificador: Como cultivar a paz no mundo da educação? O educador é convidado a plantar sementes de paz nos vários terrenos: pessoal, pelo autodomínio e serenidade de coração; familiar, através da harmonia na própria família, para levar à escola o calor humano mais íntimo; profissional, pela abertura de coração em inter-relacionar-se com todos; educacional, através da mediação em desanuviar o ambiente, restabelecendo as amizades. Para isso, faz-se necessário o incentivo a trabalhos em equipe, evitando exclusões.

Frei Agostinho destaca duas propostas para prática diária e repetida: - a Oração pela Paz de São Francisco: Senhor fazei-me instrumento de Vossa Paz! sugere que seja rezada ou cantada no início da primeira aula do dia, ou a saudação franciscana de” Paz e Bem” em lugar do presente na chamada de classe, com explanação anterior do sentido na vida do construir a paz pela prática do bem (PICCOLO, 1998). “Deus nos ama” (RNB, 22,48). “As que amam a

Deus são benditos” (4 Ct-b 18). “Perseveremos firmes na verdadeira fé e amemos de todo coração o nosso Criador, o Deus da vida” (RNB, 23, 22-24).

Pessoa de Amor a Deus, espiritual, de vida interior: o educador, na vida pessoal e profissional, há de religar-se espiritualmente ao Transcendente, a Deus. Não significa apresentar a “carteirinha de católico”, mas necessariamente ser uma pessoa de fé, fiel, que reza, que interioriza, silencia, medita, que respira esperança de uma sociedade justa e solidária. Educar para vida.

A seguir, apresenta-se o Perfil humano de um Santo Universal, segundo a personalidade de São Francisco. O estudo foi feito por Celano<sup>9</sup> e descrito por Frei Agostinho Salvador Piccolo no seu livro *Perfil do Educador Franciscano* (1988, p. 83-84).

- na transparência, na pureza de coração (*sincero*);
  - no Amor de Deus, piedoso (*pietas*) (*devotio*);
  - na caridade fraterna (*solidário*);
  - no trato afetuoso (*carinhoso*);
- Era:
- sereno;
  - de trato amável (*gentleman, cordato*);
  - muito oportuno quando dava conselhos (*aberto ao diálogo*);
  - sempre fiel a seus compromissos (*firme, dedicado*);
  - eficiente no trabalho;
  - prudente nos julgamentos (*sem rotular*);
  - em tudo cheio de elegância.
  - dedicado;
  - constante na oração;
  - fervoroso em todas as coisas;
  - firme nas resoluções (*vigor*);
  - equilibrado (*self-control*);
  - perseverante;
  - sempre o mesmo (*sincero*);
  - rápido para perdoar (*compreensivo*);
  - demorado para alterar-se (*pacífico, pacificador*);

---

<sup>9</sup> Frei Tomás de Celano. **Vida I**, cap. 29. N. 83 (ano de 1228).

- inteligência pronta;
- sutil ao falar;
- sério em suas opções (*decidido, convicto*);
- sempre simples;
- rigoroso consigo mesmo;
- paciente com os outros (*acolhedor*);
- muito eloquente (*boa comunicação*);
- rosto alegre;
- incapaz de ser arrogante (*humano, não pedante ou autoritário*);
- diligente (*dedicado, serviçal*);
- bondoso (*terno*);
- muito humilde;
- manso (*sereno*);
- adaptando a todos com facilidade (*versatilidade, convivência, comunhão*).

Frei Agostinho descreve algumas palavras e valores dos escritos de São Francisco de Assis e procura revelar um vulto diferente, mas real de Francisco: mestre e educador, capaz de inspirar valores pedagógicos e iluminar uma nova prática educativa. Visa-se revelar a vitalidade positiva do método franciscano: propor valores, defini-los, identificá-los e transformá-los em código de comportamento. “Francisco de Assis, mestre educador, capaz de reencantar, de inspirar uma nova prática educativa neste período da história” (PICCOLO, 2005, p. 55). Ele transcreve em seu livro: *Francisco de Assis: Por uma pedagogia Humanista* partes dos escritos de Francisco que devem ser levados em conta para se aprender e viver esta formação humanista, como um resume-se abaixo.

Na *Regra Bulada* (RB)<sup>10</sup>, mostra um Francisco que orienta; quando dá normas, trata-se da carta magna da vida dos Frades Menores, um documento normativo. “Ela é de fato a Regra Franciscana, pois o compromisso que os Frades Menores assumem na profissão é feito formalmente sobre o texto que a Igreja sancionou com sua autoridade” (FONTES FRANCISCANAS I, 1994, p.127). Francisco é seu autor; ele declara havê-la escrito com simplicidade (TEST, 19, 39); ela contém a medula do Evangelho (2 CEL, 208, 2; 2 EP, 76, 3).

---

<sup>10</sup> A Regra Bulada é o documento normativo que o Papa Honório aprovou oficialmente pela Bula *Solet Annuere*, de 29 de novembro de 1223 (Fontes, p. 171-181; FFC, p. 157-165).

Na *Regra não Bulada* (RNB)<sup>11</sup> exprime o fascínio e a densidade de uma extraordinária experiência evangélica que São Francisco e a fraternidade cultivaram no coração. O *Testamento*, por sua vez, recorda sua experiência de vida desde os primeiros passos de sua conversão, entre os leprosos, até o momento em que faz escrever as palavras finais.

Nele, Francisco exorta firmemente a seus seguidores a observarem fielmente e com perseverança o que escreveu com simplicidade e transparência, deixando aqui bem explícitos valores como simplicidade, fidelidade e perseverança (PICCOLO, 2005, p.59).

As Cartas revelam um estilo de comunicação peculiar de Francisco; em todas, trata de expor um assunto que deseja orientar devidamente. Na Carta ao Frei Leão, São Francisco revela a atitude de abertura e acolhimento qual uma mãe. Na Carta a um Ministro, Francisco aparece como orientador. “Indica ao Ministro o método de melhor acolhimento, para despertar confiança, como estabelecer empatia e relacionamento interpessoal” (ESSER, 1976, p. 131).

Na Carta aos Governantes (GV) dos Povos, na qual Francisco pede ou sugere medidas concretas de ação, ele adverte-os seriamente sobre seus cargos e deveres (GV, 3,6-7,8). “Finalmente, na Carta a Frei Antônio, na qual Francisco nomeia Antônio como primeiro professor dos Frades e expõe com clareza as condições que admitia e aprovava o estudo de teologia” (ESSER, 1976, p. 94-95).

Nas Orações e Louvor, mostra-se um homem que busca sua interiorização e inspiração para ação. Na Oração diante do Crucifixo, busca discernimento e, na Oração “Onipotente Deus”, traça o perfil de um homem que transcende em piedade e aponta para a atitude pedagógica de ternura e vigor, enfatizando sua disposição mediante quatro verbos de ação: saber, querer, fazer e seguir a vontade de Deus iluminado pelo Espírito Santo.

Pode-se verificar e destacar claramente algumas posturas franciscanas como, primeiramente, gostar do que faz, se encantar pela educação, procurar novas práticas educativas, buscar sempre uma melhor formação e informações, ou seja, buscar sempre aprender mais e observar fielmente e com perseverança estes ensinamentos com simplicidade e pureza de coração. E, finalmente, ser comunicativo, correto e claro nas orientações e ensinamentos. Para isto algumas atitudes e palavras se fazem necessário.

---

<sup>11</sup> A Regra não Bulada, a Proto-Regra, aprovou-a o Papa Inocêncio III oralmente em 1209, (1210). O texto é bem mais longo, prescrições nela contidas, supõem uma experiência de vida de mais anos, até 1221 (Fontes Franciscanas, p. 21; 185-212; FFC, p. 19; 165-186).

Piccolo (2005), descreve uma série de palavras-chaves que dão o sentido da vida e formação humanista de São Francisco de Assis das quais deve-se aprender e começar a praticar para viver-se esta pedagogia humanista franciscana, são elas: A comunhão humana é a primeira palavra-chave a receber as luzes dos escritos, por duas principais razões: sua amplitude que abrange os quarenta termos afins; e pela profundidade, porque toca nas raízes da nova impostação educativa, de acordo com pedagogos e pedagogistas contemporâneos. “Seus termos nucleares são coração, ser, ser com, ser para” (PICCOLO, 2005, p. 65).

Na Regra Bulada, Francisco escreve e orienta: “quando vão pelo mundo não discutam nem alterquem com palavras, nem julguem os outros” (PICCOLO, 2005, p. 65). Ele usa três verbos: Aconselhar = indicar a vantagem ou convivência, recomendar; Admoestar = repreender com brandura, concitar; Exortar = encorajar persuadir. Destaca uma atitude convival harmônica: não entrar em briga com palavras, acusações e condenações. Na interpretação do Frei Agostinho: “Francisco mostra bem (aconselha, admoesta e exorta) que esta atitude faz parte da educação, é jeito de gente de boas maneiras, de uma pessoa humana educada, sinal de sua grandeza de alma e nobreza” (PICCOLO, 2005, p. 66).

Destaca a sensibilidade de Francisco; os superiores hão de ser sensíveis, hão de se tocar e agir em relação aos que mais precisam, destacando dois toques: o recurso a amigos capazes de ajudar, superando a austeridade da pobreza e a cordialidade de critérios na avaliação da carência. Francisco escreve e orienta sobre a afabilidade, o afeto no trato mútuo, em que se manifeste a confiança. Evoca, ademais, regra áurea de convivência: servir como gostaria de ser servido: “Tudo o que desejais que as pessoas vos façam, fazei vós a elas” (MT, 7,12: 22,40). Com misericórdia não se perturbar. Diante do erro de alguém, jamais perder o autocontrole, a serenidade. A atitude de acolhimento é fundamental, a misericórdia é ponte para restabelecer a comunhão, a harmonia: *Cum misericórdia...* porque a ira e a perturbação com a falha ou erro de alguém impedem a caridade em si e nos outros. Devem ser servos da fraternidade. Numa comunidade, é importante que haja um responsável pela ordem e bem-estar, ou seja, um coordenador, um superior. Salienta o estilo democrático, participativo, de opinar, de eleger. A correção aos irmãos. Francisco oferece três verbos de ação educativa: visitar, admoestar e corrigir. Visitar: na educação é preciso estar presente, ser presença, caminhar junto, agir com conhecimento de causa. Admoestar: representa uma espécie de espelho de perfeição, onde Francisco retraça muitos aspectos particulares do conceito da forma do cristão ideal. Corrigir: Francisco menciona a correção, a punição, não se deve omiti-la, pois o erro rompe a comunhão, gera desordem e desarmonia. Porém, indica o estilo

pedagógico de fazer: “*humiliter et caritative*”, isto é, sem arrogância, mas na mansidão e caridade (PICCOLO, 2005).

Piccolo (2005, p. 96-121), cita ainda outras seis palavras chaves da pedagogia franciscana que inspirou São Francisco e que hoje as descrevo aqui novamente para nos propor um caminho a percorrer rumo à formação humanista. Ética transparente: [...] é a segunda palavra-chave a ser observada em São Francisco. A concepção de ética pode variar entre os filósofos. Mas pensar eticamente, agir moralmente implica juízos éticos universalizáveis, extrapolando o nosso ponto de vida pessoal. Educadores resgatam hoje o papel da Ética, uma Ética transparente, na formação integral. Frei Agostinho cita alguns termos relacionados extraídos de seu livro: “justiça, criatividade, integralidade, pureza, consciência” (PICCOLO, 2005, p. 96), que são também exemplos que São Francisco sempre deixou em suas caminhadas. Essencialidade livre: [...] é terceira palavra-chave. No termo “Essencialidade” com qualificação “livre”, vem compreendidas as seguintes palavras: “simplicidade, sobriedade, humildade, desprendimento, despojamento, alegria, serenidade, liberdade” (PICCOLO, 2005, p. 101). Esperança idealista [...] é a quarta palavra-chave. Esperança encerra no seu bojo tons de admiração, sonho, entusiasmo. Acompanha-o

qualificativo “idealista”, na constelação que figuram: “sonho, admiração, encantamento, entusiasmo, paixão, cidadania ativa, idealismo” (PICCOLO, 2005, p. 105). [...] Firmeza realista: Este é o quinto termo, a receber ilustrações nos Escritos de São Francisco. Firmeza, acresce-lhe o adjunto realista, para qualificar uma firmeza de ação calcada no concreto, no real. “Compõem ainda uma constelação de palavras como: fortaleza, coragem, vigor, perseverança, superação, equilíbrio” (PICCOLO, 2005, p. 108). Religiosidade transformadora é o sexto termo que entra em estudo, [...] Religiosidade com o adjunto adnominal “transformadora” e “uma constelação de palavras como: transcendência, espiritualidade, sapiência, ardor, mística” (PICCOLO, 2005, p. 113) e Paz universal: A última palavra chave é Paz com um adjunto universal cita uma constelação que pode se formar com esta palavra:

Formam a constelação dos seguintes vocábulos: compreensão mútua, reciprocidade, colaboração/participar, atuação, atuar junto/convivência, viver junto, cidadania ativa/respeito, pluralismo, diversidade, misericórdia, perdão, universalidade (PICCOLO 2005, p. 121).

Aqui se destaca a Saudação da Paz, Francisco explicita claramente o compromisso com a paz, ser mensageiro da paz. “Como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: O Senhor te dê a Paz!”<sup>12</sup>

#### 1.4 Desafios e perspectivas da educação

Piccolo (2005), cita Hugo Assmann e descreve que talvez pelos tantos novos conceitos emergentes, que tem tudo a ver com a visão renovada que provoca a seguinte interrogação, quem duvidaria que a educação é hoje, mais do que nunca, a mais avançada tarefa social emancipatória. Frei Agostinho traz uma radiografia da pós-modernidade, focalizando primeiro os macrocenários das mudanças, a sociedade da globalização com seus aspectos positivos (luzes) e os aspectos negativos (sombras). Em segundo, aponta para os envolvimento educativos, para enfrentar os macrocenários das mudanças a educação; necessita elaborar e por em prática um novo paradigma pedagógico, um novo modelo educativo. Utiliza-se do termo reencantar a educação do professor Hugo Assmann.

“A educação se confronta com a apaixonante tarefa de formar seres humanos para os quais a criatividade, a ternura e solidariedade sejam, ao mesmo tempo, desejo e necessidade” (ASSMANN, 1998, p. 182). Utiliza-se também de Paulo Freire com suas mensagens de libertação, de compromisso, de crescimento humano, de diálogo e esperança, de amor a vida e humanidade.

Nos macro cenários da sociedade pós-moderna, Frei Agostinho cita três cenários que devem ser levados em consideração para as mudanças e os desafios da educação hoje. O primeiro cenário é a sociedade da globalização que desafia o mundo da educação. Segundo ele, “a globalização é um fenômeno de mundialização, ou seja, aquilo que é tomado ou computado em globo, no global, por inteiro; ainda integral” (PICCOLO, 2005, p. 24). Divide a globalização em três grandes cenários:

A internacionalização para explicar os fluxos que existem entre várias empresas e entidades nacionais, a multinacionalização, um conjunto de processos que caracterizam um agente nacional como empresas, igrejas, editoras etc, [...] que vão operar em outros contextos nacionais e a transnacionalização como moda, música vestes que se originam a partir de certas realidades nacionais e depois se difundem para outras realidades (PICCOLO, 2005, p. 24-25).

---

<sup>12</sup> Esser comenta o proposito do desejo-voto evangélico e da saudação da paz. *Pax huic domui* seria um voto particular à família. Na saudação *Dominus det tibi pacem*, a paz é comunicada a cada um/a, universaliza-se a comunhão da paz. Esser, K *II Testamento di S. Francesco d'Assisi*, p.151-152.

Dentro deste macro cenário, Frei Agostinho cita alguns fenômenos da globalização dividindo-os em luzes e sombras e suas influências nos desafios no âmbito da educação hoje, são eles:

Luzes: Policentrismo, mediante intercâmbio generalizado de informações, de ideias, de produtos. Preocupação por uma espécie de governo mundial, sem fronteira. Mobilidade humana de um continente ao outro (encurtam as distâncias). Redução do princípio de soberania dos Estados-nação, associadas às noções de comunidade e sociedade. Recuperação da memória histórica e defesa de identidade social. Revalorizar o que é da terra. Sombras: Concentração de poder nas mãos de poucos, sufocando e oprimindo os outros tantos “sem”, sem tetos, sem terras, sem educação. Tendência a uniformização cultural, com risco de pensamento único. Monopólio dos sistemas de comunicação e manipulação arbitrária da informação. Desarraigamento cultural, perda de identidade e de origens. Idolatria do mercado. Aumento das patologias da insegurança, estresses, medo que deprime (PICCOLO, 2005, p. 25-26).

O segundo cenário é o da sociedade aprendente e da informação. Comenta “Com a expressão sociedade aprendente pretende inculcar que a sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas” (ASSMANN, 1998, p. 19).

Ao falar de sociedade aprendente, Frei Agostinho diz que nas escolas a disponibilidade de tecnoambientes, computadores, multimeios, internet está cada vez mais presente e se torna indispensável, mas sublinha que não se deve dispensar a relação pedagógica, a presença do professor/a no aprender humano. O terceiro cenário que deve-se levar em conta nos desafios da educação hoje é a condição da sociedade pós-moderna ou da pós-modernidade e cita Paulo Freire:

Gostaria de acompanhar ativamente as discussões em torno de se a pós-modernidade é uma província histórica em si, uma espécie de *sui generis* momento dentro da história a inaugurar uma nova história, sem quase continuidade, com o que foi e com que virá, sem ideologia, sem utopias, sem luta. Seria o império da neutralidade, da História mesmo (FREIRE, 2014b, p. 157).

Na linha freireana, portanto, a pós-modernidade não estará isenta de conflitos que inclusive levam a rupturas e decisões que certamente incidirão na prática educativa. O que particulariza, então, o pós-moderno em termos de transformação? Segundo Frei Agostinho, existe cinco marcas reconhecíveis:

A reação à modernidade, particularmente o de que se jactava: a mistificação da certeza, o caráter estrutural harmonioso das ideologias, a organização e finalidades; a ausência da organicidade e finalidade, a fragmentação, o

processo de demolição das verdades e dos fundamentos; o surgimento de uma espécie de nomadismo cultural, com variantes de ecletismo e sincretismo; o freio ao progresso linear de secularização e o advento da *New Age*, fundamentalismo religioso. Fala-se de de-secularização, re-sacralização neo-pagã, em ambíguo, mas imponente retorno do sacro, da desforra de Deus; o saber não é mais um bem espiritual, vira mercadoria de troca, fonte de proveito, devido as tecnologias da informação, perde a auréola, é jogado nas gôndolas dos supermercados, em oferta misturados com outros produtos (PICCOLO, 2005, p. 32-33).

Enfim, neste contexto surge o perfil do homem pós-moderno, como aparece no cotidiano, que é descrito a seguir de forma sintética:

Não seguir projetos globais, caminhos certos, pontos de chegada seguros, mas aceitar viver na complexidade, no labirinto, no pluriverso; não afirmar que possui a verdade, principalmente absolutos, fundamentos, mas reconhecer o próprio nomadismo existencial; [...] não ter um estilo único, mas existir uma cultura combinatória; não se identificar inflexivelmente com nenhuma realidade social ou movimento político; não se apoiar na força da demonstração, na polêmica dialética, mas de preferência numa ética de fragilidade; não apreciar o que é árduo, rígido, unívoco, dogmático, ao contrário, prezar tudo que é *light, soft*, como dança, viagem, mestiçagem, vias de encruzilhadas (PICCOLO, 2005, p. 33-34).

Após percorrer estes macrocenários e entender melhor o perfil do homem pós-moderno, o autor nos relata o que ele denomina de envolvimento e valores pedagógicos e busca encontrar perspectivas educativas ou propostas de atuação para os nossos dias. Ressalta que no âmbito educativo deve-se “educar ao pensamento autônomo, criativo e divergente, formar nos sujeitos uma consciência cívico-política mediante práticas de cidadania para transmitir confiança luz e esperança.” (PICCOLO, 2005, p. 40). Frei Agostinho relata que viveu um cotidiano de metamorfose da educação ao longo de sua vida de estudos e formação.

Verdadeira maré de linguagens novas, autóctones ou adventícias assumidas, irrompeu no cenário pedagógico: sociedade do conhecimento, sociedade do aprendente, engenharia do conhecimento, (*knowledge society, learning society, knowledge engineering*); mais: ecologia cognitiva, agentes cognitivos, sistemas multiagentes (PICCOLO, 2005, p. 42).

Comenta que não faltam paradoxos como, por exemplo, da mãe em casa que não consegue acompanhar a filha adolescente que navega horas e horas na internet e que julga ser uma overdose meia hora sentada para estudar um tema de História. Faz falta alguns valores que nós educadores, pedagogos, psicólogos, família, escolas, instituições poderíamos propor para melhorar este quadro. Buscando traçar algumas pistas de orientação, Frei Agostinho sugere as seguintes:

Introduzir prazer e ternura na educação; o ambiente pedagógico tem que ser lugar de fascinação e inventividade; não inibir, mas propiciar sensibilização entusiástica de caráter plurissensorial, a mixagem dos sentidos, com música, expressão corporal, linguagem cênica; unir a dinâmica da vida e a dinâmica do conhecimento; orientar a gostar da vida; o prazer é dinamizador do conhecimento (PICCOLO, 2005, p. 42-43).

Frei Agostinho introduz um aspecto de renovação do discurso pedagógico, que é educar para esperança solidária. É preciso ter presente que focar só a metodologia e o estilo tradicional não resolvem. Para ele, importa implantar os seguintes meios:

Uso sistemático de multimeios; organização didática renovada e renovadora; atualização profissional dos docentes por cursos de formação permanente; acompanhamento crítico para a formação de personalidade autônoma, livre, capaz de formar uma visão própria do mundo; nova ideia de cidadania, na ótica do novo humanismo (PICCOLO, 2005, p. 43).

No envolvimento deste pluriuniverso, Frei Agostinho dá algumas pistas pedagógicas, tais como: “Aprender a ensinar, e ensinar a aprender a conviver com o diferente; cultivar sem medo um pensamento que alije parâmetros já fora do prazo, pra renovar, inovar; valorizar a valiosa liberdade, no respeito ao agir plural” (PICCOLO, 2005, p.45), e cita Mercatalli (1993, p. 197), “[...] a verdadeira educação, a que tocas as mais íntimas fibras do coração humano, não negligenciar em reviver e perpetuar o patrimônio de valores humanos, afetivos, éticos e religiosos, que estão na base da própria cultura social”.

Para finalizar, Frei Agostinho chama a atenção para três educadores que expõem e testemunham nos dias de hoje os valores pedagógicos de esperança e luz. São eles:

1) Paulo Freire que fala da educação como missão, compromisso educador-educando, no seu estilo sempre humano, em *Pedagogia dos sonhos possíveis* e orienta:

Pra mim, a prática educativa progressivamente pós-moderna – é nela que sempre me inscrevi – é a que se funda no respeito democrático do educador como um dos sujeitos do processo, é a que tem no ato de ensinar-aprender um momento curioso e criador em que os educadores reconhecem e refazem os conhecimentos sabidos, e os educandos se apropriam, produzem o ainda não sabido. É a que estimula a boniteza da pureza como virtude e se bate contra o puritanismo enquanto negação da virtude (FREIRE, 2001b, p. 159).

Na leitura de Frei Agostinho, ao longo de suas obras e no seu estilo bem original ele assinala as exigências de um verdadeiro educador: corporificação das palavras pelo exemplo; competência profissional e generosidade de comprometimento por pró-humanização; querer bem aos educandos com amor profundo, fundamento do diálogo; fator de uma educação crítica, revolucionária e profética, portadora de esperança e alegria; apaixonado pelo sonho e

utopia, a denúncia da realidade e o anúncio de um mundo melhor; fé no ser humano e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.

2) Jacques Delors, destaca os pensamentos de “aprender ser”, ele presidiu a Comissão Internacional de Educação para século XXI e com competência apresenta os quatro pilares da educação: “Aprender a aprender, priorizar as experiências de aprendizagem; Aprender a fazer, ênfase nas competências e habilidades; Aprender a viver juntos, juntar competência e solidariedade; e Aprender a ser, realizar-se com indivíduo e ser social” (PICCOLO, 2005, p. 49).

Tarefa da educação – escreve – é ensinar, ao mesmo tempo, a diversidade da raça humana e a consciência da semelhança e interdependência entre todos os seres humanos. A educação em nível familiar, comunitário ou escolar, deve levar à descoberta do outro, cultivar a empatia, a aprender a viver junto, viver com os outros, tender a objetivos comuns, no debate, no diálogo, em projetos gratificantes, instrumentos necessários para a educação do século XXI. [...] Por outro lado, reafirmar com força o princípio fundamental: a educação deve contribuir ao desenvolvimento total de cada indivíduo: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, senso estético, responsabilidade pessoal, e valores espirituais – o aprender a ser (DELORS, 2000, p. 90-102).

Segundo Frei Agostinho, “a importância do papel do professor enquanto agente de mudança, favorecendo a compreensão mística e a tolerância, nunca foi tão patente como hoje, e será ainda mais decisivo no século XXI” (PICCOLO, 2005, p.130). Delors (2000, p. 152-153) escreve, “Quem pode a ser bom professor? [...] Como descobrir uma pessoa desta”? E examinando o capítulo VII do relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação com o tema: Os professores em Busca de Novas Perspectivas, anotou as seguintes qualidades para um professor:

Forte relação pessoal com o aluno como cerne do processo pedagógico; Dedicção a missão educativa e abertura ao diálogo para ajudar a desenvolver o senso crítico do aluno; Inteligência e habilidade em contribuir para a formação da capacidade de discernimento e do sentido das responsabilidades individuais dos alunos, para que possam prever mudanças e adaptar-se a elas, continuando a aprender ao longo da vida; [...] Autoridade e competência para responder a questões e desafios que o aluno coloca sobre o mundo e situá-los num contexto e perspectiva, de modo que o aluno possa estabelecer a ligação entre a sua solução e outras interrogações mais abrangentes; Exemplo transparente por sua formação transparente, suas qualidades humanas e transparência de vida (DELORS, 2000, p.157-159).

3) E Hugo Assmann, em seus ensinamentos relembra que uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação, segundo Assmann (1988), se confronta com a apaixonante tarefa de formar seres humanos para os

quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social. Para Assmann:

Educar não é, então, a mais avançada tarefa social libertadora, emancipatória? Parece-me inegável que o fato maior do mundo atual são as lógicas da exclusão e do alastramento da insensibilidade que as acompanha. Como fazer frente a isso? Imaginemos cruamente algo bastante previsível: no plano mundial e nacional, não há no horizonte do próximo futuro políticas e econômicas e sociais orientadas a salvar todas as vidas humanas existentes. E isso quando as condições científicas e técnicas para fazê-los já estão dadas. Nas condições atuais de produtividade, a fome se tornou um absurdo inaceitável. Mas não existem os consensos políticos para eliminá-las de vez. A educação terá um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade (ASSMANN, 1998, p. 26).

Reencantar a educação, é o sugestivo título de uma obra do Prof. Hugo Assmann. Eis o desafio na busca e na atuação das novas e renovadas perspectivas da educação. Frei Agostinho assinala sete palavras de primeira grandeza, extraídas dos autores estudados até o momento, e acrescenta a elas um adjetivo adnominal com qualificação específica, para ser usado com o objetivo de apontar para uma aplicação prática nos envolvimento educativos hoje. São elas:

**Comunhão humana** - Coração: sensibilidade, cortesia, interpessoal. Alma: sinceridade, cordialidade, aberta. Ser: afeto, benevolência, intercultural. Ser com: ternura generosidade, interdependência. Ser para: simpatia, fraternidade, convivial/viver com. Alteridade: minoridade, biografias, acolhedora. Gratuitude: encontro, humano, atuante-participativo; **Ética transparente** – justiça moral; criatividade pessoal; integridade social; pureza cordial; consciência, transparência; **Essencialidade livre** – simplicidade, sobriedade, humildade, pobreza, despojamento, alegria, liberdade; **Esperança idealista** – sonho, admiração, encantamento entusiasmo, paixão, cidadania ativa, idealismo; **Firmeza realista** – fortaleza, coragem, vigor, perseverança, superação, equilíbrio; **Religiosidade transformadora** – transcendência, espiritualidade, sapiência, ardor, mística; **Paz universal** – compreensão mútua, reciprocidade, colaboração, atuação, atuar junto, viver junto, cidadania ativa respeito, pluralismo, diversidade, misericórdia, perdão, universalidade (PICCOLO, 2005, p. 51-53).

## 1.5 Palavras de São Francisco

Assim como São Francisco descreveu o frade perfeito (2EP, 85), Francisco poderia agora nos ajudar a descrever as características de um bom educador. Frei Agostinho buscou fazê-lo, destacando as seguintes qualidades:

Transcrevo nas próximas páginas algumas frases e citações que Frei Agostinho destacou no seu livro, que é a fonte de inspiração para escrever esta dissertação. Palavras que dão a São Francisco de Assis como que uma condição de testemunhar pela vida e pelo seu exemplo, ser um verdadeiro professor, um guia e arauto da perfeição evangélica para os que com ele conviveram e partilharam de seus ensinamentos e cita:

Embora pai, mestre e guia, pai e mestre, com seu *cor nobile*<sup>13</sup>. Não compôs Francisco nenhum tratado de formação, nenhum *ratio studiorum*, nenhum programa de prática educativa. No entanto nos seus Escritos descobrimos um tesouro escondido, genuínos valores pedagógicos (PICCOLO, 2005, p. 135).

Frei Agostinho descreve Francisco como uma pessoa bem humana, com testemunho de vida e afeto pelo exemplo de vida. “Era tão humano que parecia divino e tão divino que parecia humano” (PICCOLO, 2005, p. 135).

Uma pessoa que sabe acolher e ser presença animadora: animar, estar junto é característica de ser humano, no acolhimento, de identificar-se com o educando nas diferentes situações existenciais. Possa o aluno descobrir um letreiro luminoso, bem irradiante no coração do seu professor: “Entrada franca”, para nunca perder a esperança, jamais desencantar-se, não capitular mas sentir-se sempre acolhido, acompanhado querido (PICCOLO, 2005, p. 136).

Ser Professor e ser uma pessoa de coração solidário, fraterno, que sabe cultivar um coração que se solidariza pelo outro, pelos alunos. Alguém com perspicácia que busca descobrir os problemas dos alunos e ajuda-los a resolver. Uma pessoa de sabedoria e competência na sua matéria, atualizado. Ele precisa responder a altura da função a qual ele se propôs que é lecionar e estar em constante formação e atualização. Estar aberto a novos conhecimentos e aprendizados e aprender a aprender. Deve cuidar de sua formação permanente e ter afeto e amor pelo que faz, pois “o afeto ilumina e unge o saber” (PICCOLO, 2005 p. 137). Para trabalhar com pessoas, precisa ter um espírito comunitário, aprender a criar relacionamentos mais humano com cortesia e empatia. Ser uma pessoa de idealismo de sonhos e esperança na educação sadia. Ter uma convivência alegre e feliz com seus alunos e estar sempre pronto a se renovar, sonhar em acompanhar a juventude, suas alegrias e sorrisos. “O sonho-sorriso de jovens anos deve acompanhar o educador maduro” (PICCOLO 2005 p.139).

Segundo Frei Agostinho (2005), ser professor é ser uma pessoa de misericórdia, ter uma alma que se modela pelos sentimentos de ternura e vigor agindo com suavidade, mas

---

<sup>13</sup> Como gostava de repetir Gemelli, A. *San Francesco d' Assisi e sua gente poverella*, p.93. Expressão, coração franco e nobre, ele a toma de 1 Cel, 120.

com justiça e verdade. Ser uma pessoa de paz, da paz que hoje falta à humanidade e se perde pela falta de comprometimento com o bem, com o Divino e cita:

Uma pessoa de vida interior: no seu âmago, o ser humano é religioso. O educador na vida pessoal e profissional, há de *religar-se* espiritualmente ao transcendente, a Deus. Há de ser necessariamente uma pessoa de fé, fiel, que interioriza, que reza, que silencia, que medita, que mergulha no divino e espira esperança de uma sociedade justa e solidária (PICCOLO, 2005, p. 140)

“A pedagogia franciscana busca, fundamentalmente, ajudar o ser humano na construção de seu projeto pessoal” (BERNARDI, 1996, p. 7).

No livro: *Pensar e agir Franciscanamente*, Frei Orlando Bernardi fala da pedagogia num sentido mais amplo, etimologicamente falando, no sentido de conduzir ou orientar crianças e completa dizendo que a pedagogia “é a ciência que cria condições e meios para orientar e dirigir o ser humano em busca de sua realização pessoal” (BERNARDI, 2015, p. 7).

Neste contexto, com os ensinamentos citados acima, pode-se ter a certeza de que a pedagogia franciscana visa a totalidade do ser humano, não apenas uma formação conteudista, apenas preocupada com a aquisição de habilidades e competências, mas deve ajudar o humano na construção do seu projeto pessoal de vida e de realização. Para uma formação efetiva e completa do ser humano há que se levar em conta o não criativo, como elemento inovador e que sempre renova o ser nesta busca de conhecimento e nesta busca de construção de um projeto pessoal. Há que entender a educação de modo que a humanidade do ser humano não fique apenas em conceitos bem elaborados e estudados, mas que se possa colocar estes conceitos na vivência dos educadores, principalmente à luz da pedagogia humanista, conforme vistos nos parágrafos anteriores. Estas atitudes precisam se tornar meios para que a formação humana se torne força viva e atuante nos nossos dias. E a melhor maneira é, enquanto educadores, aprender e procurar viver mais estes valores franciscanos no dia-a-dia. A educação deve atingir o ser humano integralmente desde a formação dos conteúdos e técnicas como também nos valores morais e transcendentais, como seres que não vivem apenas no plano material, mas também no plano espiritual.

A educação visa aprimorar o ser humano em sua humanidade e a capacitá-lo a se tornar consciente de seu papel no mundo. Por isso o processo educativo é, necessariamente, dinâmico, isto é, está atento aos movimentos que se originam na sociedade e afetam as pessoas. Ser desafiado é sua vocação e superar os desafios, sua missão, se quiser eficiente diante de tantas competições. Dessa forma, estará consciente de que formador de personalidades em mundo globalizado, onde os limites são constantemente

superados e onde, nesse momento, a intercomunicação imediata se firma tão fortemente, chegando até mesmo a criar novos hábitos (BERNARDI, 2015, p. 8).

Neste cenário, o autor mostra que a crescente urbanização aumenta a cada dia os problemas sociais, religiosos e políticos, chegando a ponto de interferir no comportamento humano. Vive-se numa sociedade onde, são poucas as famílias estáveis e isto afeta o comportamento ético de todos. O ser humano não encontra mais apoio firme e claro na sociedade e nas estruturas familiares. É neste contexto que recebemos os seres humanos para a educação em nossas universidades, seres que muitas vezes não sabem nem o que é melhor para si mesmo, sem conseguir identificar o que pode fazê-lo crescer como educando ou mesmo como profissional ou que o impede no seu crescimento.

Cabe então à ação pedagógica oferecer-lhes meios aptos na conquista de valores que os tornem cada vez mais humanos e dignos de viver na sociedade dos homens. Estes aspectos exigem de o educador estar atentos aos desafios e percebê-los. Ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo é preciso que esteja pronto para oferecer meios eficientes a fim de que o educando consiga, por si mesmo, utilizá-lo em sua realização humana (BERNARDI, 2015, p. 8).

Com esta proposta da formação humanista voltada para prática, inspirada na pedagogia humanista de Frei Agostinho quer mostrar claramente as sendas para esta maneira de educar e viver os desafios propostos hoje pela sociedade. Podemos verificar que trata-se de uma educação que visa diferenciar uma formação apenas de conteúdos programáticos e tecnicista para uma educação que transforma o ser humano tornando-o apto a viver a vida em toda sua integralidade. A formação humanista franciscana não se contenta em apenas transmitir conhecimento, mas pretende ser uma educação que faça a diferença pela coragem e criatividade, vivenciando alguns valores fundamentais de São Francisco de Assis como a fraternidade, a amizade, a solidariedade, a coragem.

Terminado este primeiro capítulo Frei Agostinho no leva a refletir sobre Paulo Freire e suas inspirações destacando que a educação tem missão de tornar o mundo menos difícil de amar. Estas inspirações irão iluminar e fortalecer a proposta desta formação com temas importantes como a transformação da realidade opressora da formação bancária que impõe condições pré-estabelecidas de aprendizagem, sem levar em conta o ser humano. Estas condições oprimem tanto os educandos como os educadores. Frei Agostinho nos oferece uma contribuição para refletirmos e destacar a importância da formação humanista franciscana, tanto para a vida acadêmica como também para a vivência no dia-a-dia.

## **2.PAULO FREIRE E SEU APORTE PARA UMA PEDAGOGIA HUMANISTA**

Frei Agostinho em seus escritos sobre os desafios e perspectivas da educação e a pedagogia humanista, cita Paulo Freire principalmente quando fala da proposta de uma educação libertadora, de compromisso e de crescimento humano, uma educação de diálogo e esperança, de amor pela vida e à humanidade onde o autor cita a obra “*Pedagogia dos Sonhos Possíveis*”. Também ao se referir aos desafios da pós-modernidade que não está isenta de conflitos, de opções, de rupturas, decisões que incidirão certamente na prática educativa (PICCOLO, 2005). Neste contexto, inicio aqui algumas contribuições para a minha dissertação, fazendo uma releitura e pesquisa de Paulo Freire para enriquecer a temática sobre a proposta da pedagogia humanista ou porque não dizer o que leva a desumanização do ser, tendo como referência este pedagogo e pensador Paulo Freire. Pelo fato de Frei Agostinho citar com frequência Paulo Freire, achamos oportuno e mesmo necessário, volver um olhar atencioso para seus escritos, sublinhar os elementos que leva à humanização, ao diálogo, desenvolvimento a capacidade crítico-reflexiva das pessoas, sem descurar da ética. Cito também obras como “*Educação como prática da liberdade, Conscientização, Pedagogia do Oprimido, e Pedagogia da Indignação*”.

### **2.1 Educação humanizadora ou não**

A partir de 1954, com a morte de Getúlio Vargas e com a ascensão ao poder de Juscelino Kubitschek, em 1956, abria-se uma década de transformações na sociedade brasileira; “um novo clima cultural se instalava” (FREIRE, 2014a, p. 65). Esvaziavam-se os temas e as tarefas características de uma sociedade fechada, como sua alienação, própria de uma sociedade reflexa, de um povo imerso, sob o comando das elites (FREIRE, 2014a), criando um clima favorável à transição para uma sociedade aberta. O processo de alfabetização-conscientização organizava-se em torno de círculos de cultura, constituídos em torno de um coordenador. Freire falava destes círculos de cultura como o lugar onde se preludia a respeito da conscientização (FREIRE, 1979).

Este processo permitia a apropriação, a criação e a recriação de uma linguagem (leitura e escrita), porém enquanto leitura crítica da realidade, desvelando-a, desmitificando-a, permitindo o ser humano se revelar no seu trabalho próprio que é o de transformar a realidade,

num processo de permanente libertação. O processo conscientizador na relação consciência-mundo-ser humano como compromisso e mudança, impulsiona o processo de libertação, sendo fator de humanização.

A pedagogia freireana busca uma maior comunicação entre educador e educando e a adequação dos conteúdos e métodos tradicionais de acordo com o povo com quem trabalhava. Trata-se de uma proposta inovadora a qual implica em despertar o povo da condição de objeto para assumir o lugar de sujeito, com capacidade de decidir e assumir seu destino frente à sociedade. Mas, neste ímpeto, se deparou com o analfabetismo do povo e propôs um novo método baseado na utilização de palavras do vocabulário corrente, “palavras geradoras”, e a partir daí iniciava o contato com as sílabas e a formação das palavras. Nesta metodologia, emergia o contexto existencial dos vocabulários, revelando aspirações, frustrações, crenças e projetos, elementos que continham alto grau de humanização (FREIRE, 2014a).

Este contexto se desdobrou basicamente em dois cenários representados por duas obras, *Educação como prática de liberdade* (FREIRE, 2014a), abordando temas como educação para a participação, como prática da liberdade, e a obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), com reflexões no sentido de uma educação para a libertação. Segundo Freire, o povo se encontrava, na década de 50 e início dos anos 60 do século XX, numa sociedade fechada, como mero espectador no processo social. Uma fase de transição se anunciava em direção a uma sociedade aberta e democrática; nesta transição, o povo deveria descruzar os braços e participar, criar uma consciência crítica e sair da imobilidade. O ser humano colocar-se-ia a caminho de uma participação ativa, despertando sua capacidade de reflexão e de consciência crítica. Assim, estava aberto o caminho para um ser humano criador e sujeito de uma cultura na história (FREIRE, 2014a).

Nesta fase, a prática e o pensamento de Paulo Freire estavam permeados de uma visão humanista e idealista, na qual valorizava o papel do homem e da mulher na sociedade. Em contato direto com a realidade, estes assumiam um papel ativo nas transformações sociais. No entanto, Paulo Freire subestimou as forças sociais e econômicas que, na época, mantinham políticas contrárias a esta transição. Ele não identificou as forças políticas que tentavam manter a ordem antiga de uma sociedade subdesenvolvida e dependente. Para os governos populistas, foi uma oportunidade de aumentar seu eleitorado, visto que apenas votavam os alfabetizados. Mas para os conservadores, não se admitia que a alfabetização fosse também uma forma de conscientização, despertando no povo uma consciência crítica. Em 1964, com o

golpe militar, paralisou-se este processo e Paulo Freire foi exilado, conseguindo fugir para o Chile, onde continuou o seu trabalho de educador humanista (FREIRE, 1987).

Após realizar seus primeiros trabalhos no Chile, seguiu para os Estados Unidos; depois foi para Genebra, onde participou da fundação do Instituto de Ação Cultural. Passou pela Tanzânia e Guiné Bissau, onde contribuiu com a educação através deste método. Em 1979, Paulo Freire voltou ao Brasil. No decorrer deste itinerário, fica claro o seu olhar de pedagogo voltado para os “esfarrapados do mundo”, os chamados “condenados da terra”, enquanto demitidos da vida (FREIRE, 1987, p. 82). Procurou elaborar uma pedagogia que tornasse possível a superação da contradição opressor-oprimido. Paulo Freire partia da situação concreta de opressão, de subordinação e dominação, identificando as realidades de opressão, dependência e marginalidade (FREIRE, 1979). Ele propôs uma educação libertadora ou para libertação, não uma educação bancária, meramente cumulativa de saberes, na qual os estudantes são meramente espectadores.

Com as dificuldades sofridas e a falta de confiança ante o regime opressor, Freire (1979), passou a enfatizar a necessidade do diálogo libertador, procurando estimular a reflexão e a ação do educador e desenvolver o senso crítico. Nesta pedagogia, encontramos a elaboração do processo de conscientização. Na *práxis* humana, deve-se refletir sobre o mundo, no despertar de uma condição ingênua para uma posição crítica perante a realidade. Isto se desdobra num modo de ser que revela a capacidade que tem de transformar o mundo, com novas atitudes práticas numa organização solidária.

A conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo feito, ver-se-ão submersos numa nova realidade. A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil (FREIRE, 1979, p. 15).

Segundo o autor, a alfabetização pode se transformar num meio de domesticação que pode levar à desumanização ou à prática de libertação que, por sua vez, irá conduzir a um processo contínuo de humanização e conscientização e assim assumir a tarefa utópica da denúncia a toda estrutura desumanizante. Este processo requer um conhecimento crítico da realidade para transformá-la com a *práxis*, enquanto mulher e homem emergem da história como sujeitos, numa ação cultural para a liberdade e num empenho na luta por sua libertação (FREIRE, 1987).

Freire em seu livro *Conscientização* (1979), se observa que não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. Assim, uma educação desvestida da roupagem alienada e alienante é uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria que ser também entre uma educação para a domesticação, para a alienação, e uma educação para a liberdade, entre uma educação para o homem-objeto e uma educação para o homem-sujeito. Trata-se do homem que, diferente dos animais, faz a cultura, transcende, o que os animais não fazem. O ser humano que transcende é inacabado; este tem consciência da sua finitude, do ser inacabado que é em cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. A religião, que comporta o sentido de *religare*, encarna este sentido transcendental das relações do homem; ela, por sua vez, jamais poderá ser um instrumento de sua alienação. Alia-se a isso a descoberta da temporalidade, porque nós existimos no tempo, descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã. Freire (1987), alerta a tomar cuidado quando o ser humano é rebaixado a puro objeto, quando ele já não é mais sujeito. O ser humano não pode renunciar à capacidade de decidir. Isto representa uma das maiores catástrofes da humanidade. Insiste o nosso pedagogo na integração e não na acomodação, como atividade própria da esfera humana. A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade e da capacidade de transformá-la; a isto se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade.

As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma elite que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto. Coisifica-se. E nos descreve desde já, que saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. O homem é levado a tomar consciência de sua capacidade de transformação pela educação que liberta. Descreve que, infelizmente, o que vê é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam, mitos que os levam a duvidar das próprias possibilidades, conduzindo-o a um gregarismo que o leva a ter medo da solidão e da própria liberdade (FREIRE, 2014a).

Por outro lado, Freire busca captar, no seu trabalho com o povo, as aspirações deste, seus anseios, seus valores, em busca de plenificação, identificando formas de ser, de comportar-se e insistindo no papel que cabe ao homem ou à mulher no processo de humanização, ou seja, como sujeito. A leitura acima foi realizada por Paulo Freire, no final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX, quando o Brasil vivia a passagem de uma para outra época, ou seja de uma sociedade fechada para uma sociedade aberta, democrática, com forte anseio de participação. Um novo clima cultural se instalava. Esvaziava-se, na sociedade brasileira os temas e todas as tarefas características de uma sociedade fechada. Esta era marcada por uma alienação cultural, de que decorria sua posição de sociedade reflexa e a que correspondia uma tarefa alienada e alienante de suas elites. Em última análise, toda a temática e o conjunto de suas tarefas, ao rachar-se a sociedade, assumiram uma nova coloração, (FREIRE, 1987).

Esta sociedade rachou-se e a rachadura decorreu da ruptura nas forças que mantinham a sociedade fechada em equilíbrio. As alterações econômicas, mais fortes neste século, e que começaram incipientemente no século passado, com os primeiros surtos de industrialização, foram os principais fatores da rachadura da nossa sociedade. Se ainda não éramos uma sociedade aberta, já não éramos, contudo, uma sociedade totalmente fechada. Esta sociedade foi se abrindo não só nos centros urbanos como também nos centros rurais e teve um retorno catastrófico com o Golpe Militar. Paulo Freire tinha certeza de que o caminho para a salvação democrática era uma sociedade aberta, mas, tinham outras forças que procuravam a todo custo entravar os avanços da sociedade nesta fase de transição. Pior ainda, forças que queriam levar a um recuo, em que as massas emergentes, se já não pudessem voltar a ser imersas, fossem levadas à imobilidade e ao mutismo, em nome de sua própria liberdade (FREIRE, 1979).

Neste momento, dividiam-se os homens e as instituições, num sentido amplo, que comportava categorias intermediárias, em reacionários e progressistas. Em homens e instituições que apenas estavam no trânsito e homens e instituições que não apenas estavam, mas eram do trânsito. Como formar então uma consciência crítica nos homens numa época de transição. Tem que lutar neste contexto pela humanização do homem brasileiro, ameaçado pelos fanatismos, que separam os homens, embrutecem e geram ódios. Fanatismos que se nutriam no alto teor de irracionalidade que brotava do aprofundamento das contradições e que afetavam igualmente o sentido de esperança que envolvia a fase do trânsito. Na realidade a

supremacia brasileira, não vinha sendo dos radicais, mas dos sectários<sup>14</sup>, sobretudo de direita. E isto é o que nos fazia temer pelos destinos democráticos da Esta esperança ameaçada tinha, por um lado suas raízes na própria passagem que fazia a sociedade brasileira de seu *status* anterior, colonial, de sociedade puramente reflexa, para o de sujeito de si mesma (FREIRE, 2014a).

Existe no Brasil uma necessidade de democratização para uma democracia fundamental com a participação do povo. A democracia é muito representativa e, de fato, pouco participativa e desenvolver uma consciência transitiva, como Freire preconizava, pode ser, porém, num primeiro estágio, ainda preponderantemente ingênua. A transitividade ingênua se caracteriza, entre outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas.

## **2.2 Da desumanização à libertação do oprimidos**

Nas primeiras palavras de Paulo Freire, presentes em sua obra *“Pedagogia do Oprimido”* (1987), ele relata um dos aspectos que mais surpreendes com relação à educação libertadora. É o que cita como medo da liberdade, o medo ante a emergência de uma consciência crítica. O caminho que Freire percorre é o da conscientização sem resvalar em qualquer tipo de fanatismo destrutivo; antes, ele possibilidade a inserção da mulher e do homem no processo histórico como sujeitos, evitando o fanatismo. Uma tomada de consciência que abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve que, estas são componentes reais de uma situação de opressão. Na verdade, a questão principal da pedagogia do oprimido é a desumanização.

Na justificativa desta obra, Paulo Freire fala da situação de indagação em que vive os homens da época, desafiados pela hora atual. Imaginemos o contexto de golpe de estado de 1964 já ocorrido no Brasil e a situação de exílio em que se encontra junto com tantos outros. O ato de desumanizar em Freire (1987), também se faz presente na educação, quando esta se reduz ao ato de depositar, transformando-a apenas em transferência de conhecimento. É como se enchêssemos um saco pretensamente vazio. A memorização é mecânica. As vasilhas que são enchidas pelo educador acabam por anular o poder criador do aluno e os minimiza.

---

14 1 - Pessoa que faz parte de uma seita. 2 - Partidário obstinado de qualquer sistema. 3 - O que segue a outrem em seu modo de pensar ou que lhe obedece cegamente. 4 - Prosélito. 5 - Partidário. 6 - De seita. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27, Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/sectario>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão. Desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e educador o depositante (FREIRE, 1987, p. 37).

Esta educação bancária é considerada por Paulo Freire como falso saber. Na medida em que esta visão ‘bancária’ anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores (FREIRE, 1987). Para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a educação bancária mantém e estimula a contradição (FREIRE, 1987). Dai, então, que nela:

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; O educador é o que pensa; os educandos, os pensados; O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador. O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 1987, p. 38).

Nesta linha de pensamento, o Freire (1987, p. 44) relata que “ninguém educa ninguém, devemos educar a si mesmos, mas mediatizados pelo mundo” com diálogo para superar certas maneiras de ensinar como, por exemplo, não ser o educador do educando, mas sim como educador educando, sendo não apenas aquele que educa, mas que ambos se tornem sujeitos do processo ensinar aprender, e finaliza dizendo:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática bancária, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE 1987, p. 44).

Na justificativa do livro *Pedagogia do Oprimido* Paulo Freire (1987), aprofunda alguns pontos importantes do escrito “*Educação como pratica da Liberdade*” que se parece

fundamentais para a formação do ser e aqui pode se dizer que se refere tanto ao educando como ao educador. Fala da inquietude do ser humano no Cosmo ao qual é desafiado todos os dias pelos dramas da atualidade e como se inquietam com isto, falando aqui do problema da humanização e porque não dizer a desumanização e fala que a humanização tem sido, a partir de um ponto de vista axiológico<sup>15</sup>, o seu problema central e sua preocupação iniludível (FREIRE, 1987) e comenta:

Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ordem social injusta é a fonte geradora, permanente, desta generosidade que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 1987, p. 20).

Aparece aqui uma falsa esperança para estes oprimidos, baseada numa falsa generosidade, um falso amor da qual decorre as mãos estendidas dos demitidos da vida que com medo e inseguros, muitas vezes esmagados são vencidos. Segundo o autor são os esfarrapados do mundo, os condenados da Terra (FREIRE, 1987). Neste contexto todos estes oprimidos devem solidarizar-se uns com os outros e lutar pela restauração de sua humanidade e com certeza estarão restaurando a verdadeira generosidade, esta que citada por Frei Piccolo no seu livro a “*Francisco de Assis: Por uma pedagogia humanista*” como uma generosidade convivencial, amorosidade atuante que leva as renúncias pessoais para criar uma abertura interpessoal. Atitudes de minoridade, de solidariedade, de paciência em face às agressividades dos outros, retribuindo com perdão a quem o hostiliza (PICCOLO, 2005). Nesta busca de recuperação de sua humanização o autor cita um exemplo das grandes diferenças entre opressores e oprimidos.

Raros são os camponeses que, ao serem promovidos a capatazes, não se tornam mais duros opressores de seus antigos companheiros do que o patrão mesmo. Poder-se-ia dizer e com razão que isto se deve ao fato de que a situação concreta, vigente, de opressão, não foi transformada. E que, nesta hipótese, o capataz, para assegurar seu posto, tem de encarnar, com mais dureza ainda, a dureza do patrão (FREIRE, 1987, p. 21).

Segundo Freire (1987), a preocupação é trabalhar com ele e não para ele enquanto homens na práxis é reflexão e prática da transformação. Em face de tudo isto é que se coloca a

---

<sup>15</sup> Diz respeito a Axiologia. Filosofia de valores, particularmente de valores morais. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/axiologia>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

nós mais um problema de importância inegável a ser observado no corpo destas considerações que é o da adesão e consequente passagem que fazem representantes do polo opressor ao polo dos oprimidos. É uma luta para a libertação desta condição de oprimido, mas com o cuidado de não se tornar opressor. Fazendo aqui uma finalização deste contexto com relação a humanização e desumanização Paulo freire cita no seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 1987, p. 19).

### **2.3 O diálogo como prática para a educação**

Freire, na *Pedagogia do Oprimido* (1987), nos faz refletir sobre a importância do diálogo como premissas para se aprofundar nesta pedagogia dizendo que não há diálogo sem amor, uma educação dialógica dizendo que não há diálogo porém, se não há profundo amor ao mundo e aos homens. A mudança como ato de amor, um ato de criação do mundo. Mudanças que deverão ser feitas pelos homens em nome da sua humanização. Um diálogo no qual os oprimidos se comprometam com a sua da sua libertação, mas um compromisso que seja um ato de amor dialógico. O autor também relata que não há diálogo sem humildade, valor este também citado por Piccolo em seu livro “*Francisco de Assis. Por uma pedagogia Humanista*” quando assinalam as sete palavras chaves necessárias para a prática educativa hoje (PICCOLO, 2005).

Se os homens perdem a humildade pedem o poder do diálogo com ato de amor que cria e transforma e assim eles se rompem. Segue com outro valor fundamental neste processo de formação e pedagogia humanista como a fé. Para um diálogo que seja na práxis um mote para a humanização o homem precisa acreditar, ter fé nos homens, fé no seu poder de fazer e refazer as coisas, criar e recriar, fé na vocação do homem (FREIRE, 1987).

Em Freire (1987), se vê que não pode haver dialogo, portanto sem amor profundo ao homem e ao mundo, amor sem relação de dominação, sem sadismo ou masoquismo e sim um

amor que é compromisso e que é verdadeiro. Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidialogicidade da concepção bancária da educação.

Neste contexto cabe a nós educadores refletirmos na nossa vida, as nossas atitudes e prática como educadores e avaliar na práxis como esta nosso diálogo no relacionamento educador educandos. Existe este diálogo de amor, amor criador que levará o aluno também a refletir sobre os valores citados aqui como imprescindíveis para a formação humanista. Terá o próprio educador a consciência da necessidade e vivência destes valores. Visto que o diálogo instaura a confiança nas relações do aprender-ensinar, diálogo que nas palavras de Freire seja fundamentado no amor, na humildade e na fé dos homens (FREIRE, 1987), e que se faz viver uma relação horizontal de confiança e esperança entre educadores e educandos. Confiança e esperança esta que não existe na concepção de educação bancária citada anteriormente. Há que se ressaltar também que um falso amor, uma falsa humildade e uma fé debilitada nos homens não geram esta confiança, pois a mesma implica no testemunho, na vivência, como já dito na prática desta pedagogia. As palavras, o diálogo precisa coincidir com os atos, pois ao que vimos e podemos aqui ressaltar, palavras sem atitudes não transformam, não surte o efeito desejado. Há que primeiro viver estes preceitos e valores humanos para depois se falar, viver o que se fala e falar o que se vive. Educar pelo exemplo e não pelo poder da palavra. Não adianta pensar pelo outro falar pelo outro se você não viver, não testemunhar, mudar é difícil sim, mas é possível então arregace as mangas.

Freire (1987) nos leva a refletir como tomar a decisão pela mudança de uma formação que é mecânica e tecnicista para uma formação humanista baseada na vivência e na práxis de um amor verdadeiro que valorize o diálogo como o melhor caminho para chegar a este objetivo. Ele defende a capacidade de todos se auto-avaliarem, fazer as comparações e decidir. Mesmo que se possa parecer comum, os homens são objetos de sua consciência os que o difere dos animais; é um ser inconcluso, não cruza os braços, esta sempre em transformação; é um ser que cria. Nesta distinção, aparentemente superficial, vamos encontrar as linhas que demarcam os campos de uns e de outros. A diferença entre os dois, entre o animal, de cuja atividade, porque não constitui atos-limites, não resulta uma produção mais além de si e os homens que, através de sua ação sobre o mundo, criam o domínio da cultura e da história, está em que somente estes são seres da práxis. Práxis que, sendo reflexão e ação

verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação (FREIRE, 1979).

Nas obras de Paulo Freire, se apreende a força libertadora de toda educação, que se faz presente desde a alfabetização. Esta educa sujeitos de mudança, lastreados na ética, alimentados pelo sonho e a profecia, sustentado por uma esperança que liberta. Para Freire, a conscientização é um teste de realidade, à medida que o ser humano a desvelar, tomando distância frente ao mundo; toma distância para admirá-lo, desdobrando sua capacidade de agir conscientemente sobre a realidade objetivada, ato que funda a práxis humana e fala da unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo (FREIRE, 1979).

Na conscientização, percebemos que o ser humano desdobra a capacidade de desvelar a realidade, de penetrar em sua essência, numa ação-reflexão reveladora do modo próprio de ser do humano; este se define por uma inserção crítica na história, assumindo o papel de sujeito, capaz de transformar o mundo. A percepção da miséria se baseava inicialmente na identificação de casos isolados, cuja situação devia ser melhorada e o mal suavizado. É interessante notar que o Movimento de Natal deu passos significativos na estratégia do trabalho com o povo. Passou da percepção de puras aglomerações humanas com captar e investir num trabalho de comunidades, suscitando nas populações a consciência do valor da colaboração comum ante as necessidades locais. Com isso, verificou-se um despertar para a ação comunitária, numa superação do serviço social voltado somente para casos isolados nas aglomerações humanas, passou-se a investir no grupo e na comunidade. Conscientização, compromisso e mudança: Isto supõe um ser que é capaz de agir e refletir, sabendo ler o seu lugar no mundo, lendo-se a si mesmo, sabendo-se inclusive condicionado, ciente de residir aí a sua ação sobre o mundo. Podemos, assim, afirmar que o ser humano é um ser de compromisso. O ser humano, como ser inacabado, incompleto, realiza uma busca contínua em ser mais, numa busca permanente de si mesmo e, saindo de si, sendo capaz de relacionar-se, de projetar-se nos outros e de transcender (FREIRE, 2014a). O ser humano que emergindo deve descruzar os braços, renunciar a ser simples espectador e exigir participação. Já não se satisfazer em assistir e querer participar, querer decidir (FREIRE, 1979).

Em Freire (1979), percebe-se uma relação estreita entre os graus da consciência pessoal e social e o tipo correspondente de organização social. A uma sociedade fechada, intransitiva, corresponde uma consciência pessoal e social também intransitiva, reflexa. O que caracteriza a consciência transitivo-crítica é a capacidade de revisões e reinterpretções, o

despojamento de preconceitos, a segurança de argumentação, a facilidade para o diálogo, a capacidade de assumir compromissos. Durante a etapa provisória, a de consciência transitivo-ingênua, abrem-se três possibilidades: a regressão, o fanatismo ou a evolução. É então que a conscientização adquire uma função primordial. O método Paulo Freire constitui um ponto de partida mais do que um ponto de chegada. Estamos aqui diante de uma consciência não conscientizada que é igualmente falsificada. Ao invés do modelo anterior, arraigado na libertação de uma consciência transitivo-ingênua em vias de conscientização, este grau de consciência vê a ação conscientizadora com grandes reservas, com desconfiança e até com hostilidade. Efetivamente, qualquer mudança ameaça a ordem estabelecida e injusta, porém justificada pela consciência oprimida. A conscientização é um processo que vai além de uma atividade de educação escolar e se estrutura num amplo projeto de educação popular. Para ser eficaz, a conscientização promove a colaboração, a união, a organização populares, bem como a busca de uma nova síntese cultural.

Este conceito central, por sua vez, se entrelaça com o desejo de participação, com a urgência da libertação e com a necessidade de autonomia. Alguns âmbitos em que a conscientização se explicita de maneira a revelar a sua força, capaz de mobilização e mudança, bem como capaz de alimentar o sujeito ético. Esta pode chegar à transgressão ética em vista de um sonho e da profecia, fundados na esperança que liberta. A alfabetização transforma-se num ato de criação e torna-se um instrumento do próprio educando, fazendo dele o sujeito de sua própria alfabetização pela conscientização (FREIRE, 1979). Ao refletir sobre seu mundo, sua situação, a ação educativa permite aos homens e mulheres emergirem numa tomada de consciência da necessidade de um compromisso com sua realidade.

Streck, Redin e Zitkoski, (2010) fala de uma esperança igualitária, ligadas ao ser humano. Esperança que está embasada no condições fundamentais do ser humano como amor, humildade e fé e cita:

A esperança se torna uma presença viva, experienciada como antecipação de uma promessa que já começou a ser cumprida. A esperança baseada na ação impede tanto a acomodação pragmática à realidade quanto a fuga para idealismos incapazes de interferir na história (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 162).

## 2.4 A ação antidialógica na transformação do homem

Devemos sentir que o diálogo e antidiálogo perpassa a nossa realidade, faz parte do nosso dia-a-dia. O antidiálogo se desdobra para sectarismo. Paulo Freire fala do desejo de administração sobre o outro. Vem o desafio de viver com os outros e não dominando o outro, uma liderança que transforma realidade (FREIRE, 1987).

Freire (1987) relata que está convencido de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica. Ela é revolução por isto. Distingue-se do golpe militar por isto, pois do mesmo, seria uma ingenuidade esperar que estabelecessem diálogo com as massas oprimidas. Deles, o que se pode esperar é o engodo para legitimar-se ou a força que reprime. A verdadeira revolução, cedo ou tarde, tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas. É preciso que fique claro que, por isto mesmo que nesta dissertação estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente. Freire fala do diálogo superando os âmbitos da antidialogicidade. Minha práxis será a práxis do outros e diz:

Se uma liderança revolucionária, encarnando, desta forma, uma visão humanista, de um humanismo concreto e não abstrato, pode ter dificuldades e problemas, muito maiores dificuldades e problemas terá ao tentar, por mais bem-intencionada que seja, fazer a revolução para as massas oprimidas. Isto é, fazer uma revolução em que o com as massas é substituído pelo sem elas, porque trazidas ao processo através dos mesmos métodos e procedimentos usados para oprimi-las (FREIRE, 1987, p. 79).

O dominador quer conquistar, todo ato de conquista implica num sujeito que conquista e num objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suma finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. Este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um ser, como, hospedeiro do outro. Daí que os opressores desenvolvam uma série de recursos através dos quais propõem à admiração das massas conquistadas e oprimidas um falso mundo. Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele. Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar. Em verdade, finalmente, não há realidade opressora que não seja necessariamente antidialógica, como não há antidialogicidade em que o pólo dos opressores não se empenhe, incansavelmente, na permanente conquista dos oprimidos (FREIRE, 1987).

Como viver então esta transformação na práxis? Agora voltando ao tema do trabalho, a pedagogia humanista, sabendo que originalmente vivemos numa sociedade que oprime e que nos de muito antigamente nos ensinou a oprimir. Esta metodologia da opressão como bem vimos nos estudos de Paulo Freire perpassa hoje a nossa realidade tornando assim muito difícil de nos abirmos as mudanças, aprendermos a ver no outro seus valores e mais, trabalharmos como educadores para fazer aflorar novos valores. Frei Orlando Bernardi escreve sobre o perfil do educador franciscano e relembra a vida e os valores de São Francisco de Assis dando destaque ao seu modo de viver e como um mestre de vida integral, cita pequeno gestos de amor, de cortesia, de respeito, gestos de gratidão e bondade que revelam sua sensibilidade como educador e formador integral. Fala do espírito de bem querença e de confiança no ser humano e na humanidade e também de amor a todas as coisas, amor as criaturas e a natureza. Clima este que não existe no âmbito do que lemos acima, e em que vivemos, um clima do antidiálogo que nos torna também opressores de nossos educandos. Nesta perspectiva de formação humanista e libertadora alguns conceitos como os de união, de organização, de luta, são timbrados como perigosos.

Freire (1987) ensina que ao poder do opressor interessa enfraquecer os oprimidos mais do que já estão separando e criando cisões entre eles, através de vários métodos. Desde os métodos repressivos da burocracia estatal, até as formas de ação cultural por meio das quais manejam as massas populares, dando-lhes a impressão de que as ajudam.

Uma das características destas formas de ação, quase nunca percebida por profissionais sérios, mas ingênuos, que se deixam envolver, é a ênfase da visão focalista dos problemas e não na visão deles como dimensões de uma totalidade e afirma:

Quanto mais se pulverize a totalidade de uma área em comunidades locais nos trabalhos de “desenvolvimento de comunidade”, sem que estas comunidades sejam estudadas como totalidades em si, que são parcialidades de outra totalidade (área, região, etc.) que, por sua vez, é parcialidade de uma totalidade maior (o país, como parcialidade da totalidade continental) tanto mais se intensifica a alienação. E, quanto mais alienados, mais fácil dividi-los e mantê-los divididos (FREIRE, 1987, p. 87).

A necessidade de dividir para facilitar a manutenção do estado opressor se manifesta em todas as ações da classe dominante, (FREIRE, 1987). Fica aqui um alerta a todos nós educadores, que embora nos sintamos livres para fazer nossas atividades e lecionar, muitas vezes não percebemos, esta visão focalista que segundo o autor dificulta a percepção crítica da realidade que mantém a todos como que ilhados dos problemas da massificação e opressão

sofrido desde antigamente e que sentimos até hoje em nossos dias. Toda união dos oprimidos entre si, aponta outras ações o que implicará cedo ou tarde que descubram que divididos, serão sempre presas fáceis da dominação e escreve sobre a falsa generosidade.

Acontece que a paz não se compra, se vive no ato realmente solidário, amoroso, e este não pode ser assumido, encarnado, na opressão. Os heróis são exatamente os que ontem buscavam a união para a libertação e não os que, como seu poder, pretendiam dividir para reinar. Freire (1987, p. 90) diz:

Outra característica da teoria da ação antidialógica é a manipulação das massas oprimidas. Como a anterior, a manipulação é instrumento da conquista, em torno de que todas as dimensões da teoria da ação antidialógica vão girando. Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder.

Usa a forma assistencialista como forma de manipulação, e age como anestésico da consciência. Na verdade, estes pactos não são diálogo porque, na profundidade de seu objetivo, está inscrito o interesse inequívoco da elite dominadora. Os pactos, em última análise, são meios de que se servem os dominadores, para realizar suas finalidades (FREIRE, 1987).

Continuando nas reflexões do livro *A pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire, afirma que:

A colaboração como característica da ação dialógica que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. O diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração. Na teoria da ação dialógica, não há lugar para a conquista das massas aos ideais revolucionários, mas para a sua adesão. O diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza (FREIRE 1987, p. 104).

Problematizar, porém, não é sloganizar, é exercer uma análise crítica sobre a realidade problema. É o desvelamento do mundo e de si mesmo, aí é a práxis autêntica. Aqui, propriamente, ninguém desvela o mundo ao outro e, ainda quando um sujeito inicia o esforço de desvelamento aos outros, é preciso que estes se tornem sujeitos do ato de desvelar. O desvelamento do mundo e de si mesmas, na práxis autêntica, possibilita às massas populares a sua adesão. Na ação antidialógica, impõem os dominadores, necessariamente, a divisão dos oprimidos com que, mais facilmente, se mantém a opressão, na teoria dialógica, pelo contrário, a liderança se obriga ao esforço incansável da união dos oprimidos entre si, e deles

com ela, para a libertação. A primeira se organiza a si mesma livremente e, mesmo quando tenha as suas divisões acidentais e momentâneas, se unifica rapidamente em face, de qualquer ameaça a seus interesses fundamentais. A segunda, que não existe sem as massas populares, na medida em que é contradição antagônica da primeira, tem, nesta mesma condição, o primeiro óbice à sua própria organização. Desta maneira, se, para dividir, é necessário manter o ao dominado aderido a realidade opressora, mitificando-a, para o esforço de união, o primeiro passo é a desmistificação da realidade (FREIRE, 1987). Neste sentido afirma Freire:

Enquanto na teoria da ação antidialógica a elite dominadora mitifica o mundo para melhor dominar, a teoria dialógica exige o desvelamento do mundo. Se, na mistificação do mundo e dos homens há um sujeito que mitifica e objetos que são mitificados, já não se dá o mesmo no desvelamento do mundo, que é a sua desmistificação (FREIRE, 1987, p. 104-105).

O que nos remete a Frei Agostinho Salvador Piccolo no seu livro: *São Francisco de Assis: Por uma pedagogia humanista*, a desmistificar esta realidade, que embora dominante com esta ação anti-dialógica urge pelos dos valores e ensinamentos franciscanos. Valores estes que visam um perfil mais ideal para os educadores para que assim possam praticar melhor sua vocação de formador e que vivendo estes valores possam assim aprender a ensinar, não pela força das palavras, mas pela força dos atos e da vivência (PICCOLO, 2005).

Nas cartas pedagógicas e outros escritos Paulo Freire (2000) começa a pensar nos problemas da nossa educação como, por exemplo, as questões da liberdade, a tirania da liberdade, e a educação das novas gerações.

Problemas que, nem sempre, existiram para o jovem pai ou a jovem mãe ou o jovem professor na experiência quase recente de adolescência ou que, se existiram, receberam diferente tratamento. Vivemos um tempo de transformações cada vez mais radicais nos centros urbanos mais dinâmicos (FREIRE, 2000, p.16).

Pais e mães encontra-se muitas vezes despreparados para o exercício de sua paternidade e maternidade.

Em nome do respeito à liberdade de seus filhos ou filhas, os deixam entregues a si mesmos, a seus caprichos, a seus desejos. Quão equivocados pais e mães se encontram quando, sentindo-se culpados porque foram, pensam, quase malvados ao dizer um não necessário ao filho, imediatamente o cobrem de mimos que são a expressão do seu arrependimento do que não poderiam arrepender-se de ter feito (FREIRE, 2000, p. 18).

Precisamos educar pessoas autônomas e livres. Quando filhas e filhos se tornam seres para si, os pais precisam se reinventar. Com relação à função dos pais segundo Paulo Freire (2000), o ideal é reconhecer esta importância e saber usar a força do testemunho que os pais têm em ajudar os filhos na sua formação e autonomia. O que interessa não é que filhos e filhas nos imitem como pai e mãe, mas, refletindo sobre nossas marcas, deem sentido à sua presença no mundo. Testemunhar-lhes a coerência entre o que falamos e o que fazemos, entre o que ensinamos e o que realmente vivemos na práxis, “entre a fé que professo e as ações em que me envolvo é a maneira autêntica de, educando-me com eles e com elas, educá-los numa perspectiva ética e democrática” (FREIRE, 2000, p. 19). Aprender a adaptar as mudanças, como lidamos com estas mudanças trabalhar o exercício de uma cidadania crítica, não ficar na inércia para sua transformação. E passa-nos assim a ideia de transformar o mundo pela educação.

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação (FREIRE, 2000, p. 20).

Tendo finalizado o capítulo dois, Frei Agostinho leva-nos a estudar a pedagogia humanista e a ética. Como refletido por Frei Agostinho uma ética que se reflete no processo de humanização e implica relação com o outro e responsabilidade pelo outro. A educação deve ser, em sua essência, um processo ético, antes de ser uma consciência crítica, um engajamento político e uma ação transformadora Assim aprendemos a viver, na práxis, este valor tão fundamental para pedagogia humanista e para formação integral.

### **3. A ÉTICA E A PEDAGOGIA HUMANISTA**

Dentre a tantos valores franciscanos citados por Frei Agostinho e que estão sendo estudados nessa dissertação, não se poderia deixar de falar da ética, citado pelo mesmo em seu livro: *Francisco de Assis: Por uma pedagogia humanista*, que contém a apaixonante tarefa de: “formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social” (PICCOLLO, 2005, p. 50). E assinala em seu livro algumas palavras-chave, dentre elas a ética. E para os educadores vem a questão, ética, prioridade ou necessidade na Educação? Este questionamento sobre educação e ética deve fazer refletir sobre o assunto.

#### **3.1 Ética, prioridade ou necessidade na formação humana**

Nos dias de hoje ser educador, ou melhor, ser um formador de opiniões como já mencionado acima, leva-se a estar no limiar entre o que é proposto pela sociedade, pelas comunidades e políticas nacionais e as atividades do dia-a-dia. Afinal a ética é uma prioridade ou uma necessidade na educação atual dos educandos nas instituições. Vive-se em uma sociedade onde ética, valores e bons costumes têm se perdido a cada dia. Segundo pesquisadores, já vive-se em um mundo moderno, há quem diga pós-moderno, contudo, no encontro de gerações não existe criaturas de maior ou menor dignidade, elas entrelaçam-se entre si. Uma geração que não consegue passar para a outra este valor, tem dificuldade de conceituação, um valor que não acaba em si, mas, naquilo que desperta a admiração, estima, respeito e afeto. A ausência de valores tornam os, frágeis, sem convicções, levando os seres humanos a buscar vantagem em tudo, e a impunidade não passa de uma consequência natural, já que não existe o senso comum, nem bom senso, mas, o senso do momento. Vive-se a crise da ética, atingindo o que se tem de mais profundo, a consciência, ela está sendo manipulada pelos modismos, deturpada por diferentes ações e estímulos. Cabe aos educadores desenvolver o senso crítico e auto avaliativo deste contexto em que se está e colocar-se à frente dos passos da formação para ajudar na formação de uma sociedade mais ética e compromissada com os princípios de “Paz e Bem”, muito divulgado nas instituições franciscanas (AGOSTINI, 2010).

Frei Agostini (2010), lembra de que a educação traz consigo um papel representativo e fundamental na vida do ser humano, ajudando-o a organizar suas próprias experiências, levando-os a um senso crítico, não com autoritarismo: implantando a todo custo um dever,

uma ideia formada, contudo, respeitando a identidade, patrimônio, tendências e origens de cada um, afinal, não há uma sociedade que não carregue consigo uma série de valores. O fundamento ético o acompanha necessariamente (AGOSTINI, 2010).

Segundo Agostini (2010), a ética é vista como uma ciência que descobre os valores implantados no mais profundo do ser, em busca de toda energia, potencialidade e educação integral, a moral torna-se um caminho de realização pessoal e social, sem descuidar de qualquer das dimensões básicas do ser humano: corporal, afetiva, familiar e espiritual. A sociedade encontra-se autônoma e subjetiva, não havendo mais uniformidade, muitas vezes as escolas são tradicionais e os alunos, pós-modernos, como buscar a humanização. O processo de humanização implica na relação com o outro e na responsabilidade pelo outro, mesmo no interior de situações-limite, como nos afirma Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987).

Com apoio, mediação, despertando o bem comum. A escola é responsável pela questão social, resgate de valores, para testemunhar a decência. A ética e a moral são referências para o cuidado de si e respeito do outro, equilíbrio da natureza e cultivo da transcendência, em busca de alteridade e sistemas de regularização de vida. Deve-se entender que o ser humano, por não receber qualquer determinação por natureza, pode construir o seu modo de vida tendo por base a liberdade da vontade, a autonomia para organizar os modos de existência e a responsabilidade pela direção de suas ações, característica essa do ser humano que constitui o fundamento da formação do sujeito ético. Este deve ser o objetivo fundamental da Educação, ao qual devem ser submetidas toda e qualquer prática educativa, aí incluídas as escolares (AGOSTINI, 2010).

### **3.2 O que deve ser a educação e o educador**

Segundo Freire (1987), a educação não pode ser isolada, deve ser uma tarefa social, não de responsabilidade de grupos específicos, os desafios políticos, a importância da política, e como deve influir na formação da educação, é com ela que ordenamos a sociedade. A educação como processo de formação humana atua como meio para a formação da vida, envolve todo instrumental de formas de percepção do outro. Freire (1987), refere-se a três aspectos cobrem o processo formativo da ação educacional. O primeiro refere-se à construção simbólica da realidade, isto é, a aquisição da linguagem, sem a qual não há mundo humano. O segundo refere-se à disciplina da vontade e à aquisição de conhecimentos e habilidades de que cada um irá se servir para atuar na reprodução das condições próprias de existência e de

participação enquanto membro da sociedade. Não se pode ignorar que esse processo só se torna possível porque o indivíduo já se encontra inserido no mundo humano que é o mundo simbólico, o terceiro aspecto coroa todo o processo educativo e sua duração se estende por toda a vida dos sujeitos: trata-se da formação do sujeito Ético. O animal deve ser adestrado o ser humano deve ser educado, formado. O homem é a única criatura que precisa ser educado à autocriação, o ser humano precisa ser moldado, ele nasce frágil, ele não nasce preparado para orientar-se no processo de sua existência, ele precisa ser esculpido. Isto não se dá de forma espontânea, o homem nasce biologicamente, mas é chamado a um ser cultural e aí entra a educação que em primeiro plano deve promover o ajustamento do educando a uma determinada realidade e em segundo plano deve ser capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir sua própria formação (FREIRE, 1987).

Ser educador não é só passar informação, mas educador é aquele que promove nos educandos a sua capacidade de observação, de análise, de julgamento e de adesão. E para isso são igualmente úteis os preceitos e as teorias, a observação e a experiência cotidiana. Deve-se educar o espírito, mas também os olhos, isto é; os sentidos, pois o entendimento não cresce apenas com o alimento provido pelos conceitos, mas também com o que absorve ao interiorizar e processar intelectualmente o mundo observado e vivido. O ser humano está delimitado no mundo natural, mas deve crescer no mundo cultural. Pode-se, desse modo, compreender que a ação educativa, enquanto ação formativa é uma atividade extremamente complexa e de alta responsabilidade. Segue um percurso não espontâneo e casual e, em suas formas mais complexas e elevadas, deve ser conduzido por pessoas qualificadas para exercer a função de educar (FREIRE, 1987).

Segundo Severino (2006), estamos passando por um processo de mudança, acompanhada por um pensamento que está ainda em construção. Neste processo de mudança, existe um questionamento sobre a ética como referência básica da educação, assim não falta quem questione uma educação apenas voltada para o desenvolvimento de habilidades e competências para resolver os problemas, mesmo que científicos. Ademais, são comuns questões como estas: Qual o espaço ou mesmo a necessidade de se falar de valores? Qual a visão de mundo que estes supõem? Como pensar educação e ciência numa sociedade em constante transformação? O mundo humano não é um mundo pré-determinado (AGOSTINI, 2010).

Não sendo pré-determinado, ele é um produto que resulta da confluência de fatores diversos como os da vontade, da autonomia dos sujeitos, e de como se articulam os projetos que ultrapassam os limites individuais. E toda escolha embora individual ela é social, devido aos valores, atitudes, consequências coletivas. Quando você faz uma escolha tem uma ruptura, o ser humano não é só capaz de escolher, mas sobretudo de ruptura. Essa formação ética é uma necessidade do processo formativo humano, que não pode ser reduzida a uma simples tarefa de produção, organização e distribuição de conhecimentos e de habilidades. A formação humana só estará completa se acompanhada do desenvolvimento de princípios de conduta que possam ser reconhecidos como de validade universal (AGOSTINI, 2010).

Almeida cita no seu livro: *A educação como ética e a ética como educação em Kierkegaard e Paulo Freire*.<sup>16</sup>

Assumindo a tese de que o ser humano está em constante construção e por isso mesmo é um ser inconcluso, ambíguo, de múltiplas possibilidades que devem ser concretizadas em realidades humanas, a educação é fundamental para que ele possa dominar suas próprias paixões, latências, tendências, inclinações. [...] É importante que a educação do homem seja edificada na ética, pois esse é o remédio para a crise da ética e para a crise da própria educação. Pois a ética vigente em nosso país é uma ética em estado de coma terminal, pois ela tem se mantido omissa e silenciosa em relação aos abusos praticados pelos que estão no poder político e no poder econômico (ALMEIDA, 2013, p. 105-106).

Almeida (2013) comente a relação entre educação e ética, bem como, a relação entre a exigência da ética e a alteridade. A educação é, em sua essência, um processo ético antes de ser consciência crítica, engajamento político é ação transformadora. Ou a educação é ética respeitosa com a alteridade do outro em sua singularidade, ou não é educação. Atingir a maturidade necessária para se doar ao próximo na condição de excesso ou transbordamento de si. Permanecer em si mesmo é um ato de alienação e desespero. Ir ao encontro do outro é a condição para tornar-se cada vez mais um si mesmo como o outro e com o outro. Fala que considerando que o ser humano está em constante devir, é fundamental um processo pedagógico-educativo que possa contribuir significativamente para a construção do caráter e da personalidade da pessoa na condição de ser histórico-cultural no interior da dialética da subjetividade (o si mesmo) e da objetividade do meio, comunidade, escola, trabalho, família. Somente o indivíduo ético exprime seriamente a si mesmo e tem uma familiaridade que é a

---

<sup>16</sup> Primeiro ensaio brasileiro com o objetivo de estabelecer uma conexão entre dois pensadores que fizeram da ética e da educação o eixo do respectivo pensar e de intervir em suas respectivas sociedades.

sinceridade com si mesmo. Humanizar-se implica relacionar-se, relacionar significa tornar-se responsável pelo próximo no interior dos atos limites ou situações-limites.

Segundo Nilo (2010), a ética carrega em si uma perspectiva educacional humanizadora e não condiz com movimentos fragmentados, nem com práticas individuais e isoladas. Ela está implicada em toda prática cultural, especialmente no contexto educacional. Tanto as concepções de educação como aquelas relativas ao currículo e ao ensino-aprendizagem, (AGOSTINI, 2010).

Para Freire (1987), a educação brasileira como é trabalhada nas universidades e faculdades de educação, com raríssimas exceções, está preocupada com currículos, conteúdos e estatísticas. Ela não discute as questões da existência e da vida. Prova contundente dessa afirmação é o fato de caminhar-se para uma barbárie da desigualdade social que culmina na morte em vida, na morte silenciosa dos milhares de adolescentes e jovens que, em sua invisibilidade material e econômica, passam despercebidos dos congressos educacionais. Já advertia que não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma ‘morte em vida’. E a ‘morte em vida’ é exatamente a vida proibida de ser vida. Essa é uma questão que cada educador brasileiro precisa responder a si e para si mesmo. Que concepção de educação legitima o silenciamento dos inocentes? Não há educação sem amor, Freire, ainda na referida obra, relaciona o Amor como fonte da educação, ainda na referida obra, é taxativo em Educação e Mudança. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não é capaz de amar. *Pedagogia do Oprimido* que o amor é um ato de coragem, que a luta pela libertação do oprimido será um ato de amor, que não existe diálogo sem um verdadeiro gesto de amor ao mundo e aos homens. Amor armado não utiliza armas, fuzis, bombas atômicas; usa a ética como condição para ser mais.

Segundo Severino (2006), no atual pensamento pós-moderno em construção, tanto a ética como a política estão sendo questionadas como referências básicas da educação. É no interior desta crise que, alicerçados na tese de Freire (2000), afirma-se que a tarefa da pedagogia crítica e libertadora passa pelo resgate da legitimidade do sonho ético-político ante a realidade injusta, na afirmação da dignidade humana. Segundo Redin, Streck e Zitkoski:

A educação é, em sua essência, um processo ético antes de ser consciência crítica, engajamento político e ação transformadora. Ou a educação é ética e respeitosa com a alteridade do outro em sua singularidade, ou não é educação. É este respeito à alteridade do outro a exigência ética de todo o pensamento de Freire. Toda a eticidade da existência humana se dá no

reconhecimento da alteridade, da sua dignidade de pessoa e na luta por justiça social. Sem este respeito e reconhecimento do outro não podemos entrar no diálogo libertador. Seguindo o legado ético-pedagógico de Freire, podemos concluir dizendo que o resgate da dignidade do outro, da sua alteridade é condição primeira para a edificação de um projeto mundo/sociedade 'em que seja menos difícil de amar (REDIN; STRECK; ZITKOSKI, 2010, p. 35).

Segundo Almeida (2013), esta reflexão, segundo os autores, representa esforços a fim de oferecer em primeira mão uma reflexão contundente sobre ética como educação e educação como ética a partir de Paulo Freire e de Kierkegaard, considerando categorias como subjetividade, alteridade, ética, existência, existir, existencialização, dialogicidade, situação existencial, situação limite, segunda ética, intersubjetividade, responsabilidade, engajamento que se reduplicam a partir da relação entre uma e outra categoria ou entre a categoria e o existente no ato de existir, possibilitando no diálogo que se estabelece uma primeira síntese da existência em Kierkegaard e Paulo Freire: se o indivíduo singular é uma tarefa que está sempre em devir, ele não pode ser, em momento algum, reduzido à objetivação estanque do conceito (FREIRE, 2000).

### **3.3 Ética na educação, valor fundamental para a humanização**

O tema da ética como valor fundamental na educação visa discutir a relação entre educação, currículo e ensino, como campos emoldurados e perpassados pela ética, assim como é compreendida na matriz de pensamento de Paulo Freire (2014a). Defende-se o entendimento de que educação, currículo e ensino estão em um mesmo campo de forças, não podem ser dissociados e são balizados pelos preceitos da ética universal do ser humano, assim como compreendida no contexto da educação crítico-libertadora. É um desafio, pois se deve ser cuidadosos com a miniaturização do humano apenas nos currículos. A ética é um elemento necessariamente presente nestes currículos, é uma proposta ético-crítico. Como empreender um processo de educação neste contexto? Como ser criativo suficiente para fazer as manobras locais para melhorar os currículos? Qual o papel enquanto educador? Educar é formar e formar por completo, não apenas em conteúdo e tecnicidade, precisamos trazer os alunos para a realidade do educando, a metodologia é importante, mas os valores são fundamentais. O que existe hoje são pacotes prontos cujos conteúdos são anteriores às propostas de aprendizagem integral que incluem também a formação ético-racial. Não se pode mais ficar atrelado a estes pacotes de planos de ensino que como se sabe, visam apenas a formação tecnicista e profissional sem se atentar à valores fundamentais como ética, respeito, moral e outros citados acima. Há que ser criativo e em meio a toda formação profissional onde é necessário embutir

estes valores, principalmente na vivência do cotidiano de ensinar, no convívio com os alunos, nas atitudes e nos exemplos que se citam em salas de aulas (AGOSTINI, 2010).

A proposta pedagógica ético-crítica, como aqui defendida, não ocorre simplesmente a partir de uma teorização discursiva ou de práticas individuais e isoladas, mas exige, sim, um processo de conscientização da comunidade escolar, fundamentado na práxis que reflete, avalia e propõe diferentes ações curriculares vivenciadas no espaço escolar. Como gerir currículos dinâmicos, contextualizando a proposta ético-crítico com esta realidade da sociedade, exige muito dialogo (FREIRE, 1987).

Essa atitude dialógica permite a reflexão crítica dos homens e das mulheres em suas relações com o mundo para sua libertação autêntica que se torna práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. De acordo com o autor, a partir da prática dialógica, o sujeito desenvolve suas potencialidades de comunicar, interagir, administrar e construir o seu conhecimento, melhorando sua capacidade de decisão, humanizando-se. Na prática do diálogo, os homens e as mulheres exercitam o respeito às posições do outro. Ela é o caminho para a formação da personalidade democrática (FREIRE, 1987).

Para Freire (1987), o amor também é fundamental para o diálogo. Não seria possível dialogar se não houvesse amor entre os homens, o mundo e a vida. Mas não se trata, segundo o autor, de um sentimento ingênuo ou romântico de afeição, ele se caracteriza por relações autênticas de respeito, tolerância e empatia entre pessoas que compartilham ideais na busca da humanização. O diálogo só é possível com humildade, pois, quando existe o sentimento de que cada um acredita ser superior ao outro, esses não podem tornar-se companheiros de pronúncia do mundo. O dialogo requer confiança, fé no outro. Para Paulo Freire (1987, p. 51), “não há diálogo porem, se não há profundo amor e aos homens”. E também Freire (1987, p. 52) não há dialogo “se não há intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer, de criar e recriar”.

Em outros termos, são condições para a prática do diálogo: escuta silêncio, crença no outro, respeito. Alia-se a essas condições a esperança crítica, mobilizadora do diálogo. Portanto, fundamentam o diálogo: o amor, a tolerância, a humildade e a capacidade de escuta como conteúdo e atitude da prática educativa. Para a relação dialógica ser estabelecida, um clima de abertura, de participação é condição necessária. O diálogo, ao ser alicerçado no

amor, na humildade, na fé no ser humano, na esperança crítica e na participação, estabelece relação horizontal de simpatia e vivência, marcada pela confiança entre os sujeitos. O diálogo é a condição de existir humanamente; com ele, os seres humanos se solidarizam, refletem e agem juntos como sujeitos no mundo que querem transformar, humanizar (FREIRE, 1987).

### **3.4 A formação integral e os conteúdos curriculares**

Segundo Freire (1987), o problema é muito grande porque no Brasil não se tem um currículo norteador, baseado em conhecimentos do professor que parte de problemas trazidos pelos alunos e que em cima disso buscam o aprendizado daquele dia. O conteúdo crítico é buscado, dialogicamente, com o estudante e construído a partir da sua visão de mundo. O professor, por meio de contradições básicas da situação existencial, problematiza a realidade concreta, desafia os estudantes para que busquem respostas no nível intelectual e no nível da ação. Nessa realidade mediatizadora, o conteúdo programático da educação pode ser construído, ou seja, deveria ser construído a partir de situações concretas baseadas na vivência e aspirações do povo.

A construção do conhecimento dentro da realidade na qual ele vive em contradição aos sistemas seletivos que as faculdades pregam para entrar como os vestibulares que delimitam o conhecimento em alguns temas e fechados. Fala-se da carnalidade, prática curricular encarnada, como criar um currículo dinâmico é um desafio. Devolver aos educadores a possibilidade de serem os artesãos de seus fazeres e investigadores constantes da realidade e, aos educandos, a oportunidade de se tornarem sujeitos curiosos e críticos, construtores do conhecimento próprio das práticas socioculturais em que estão envolvidos, agentes coletivos e emancipatórios, cúmplices solidários na humanização da realidade em que estão inseridos. Destaca a impossibilidade de existir uma prática educativa sem conteúdo, ou seja, sem objeto do conhecimento, e justifica, afirmando que a prática educativa é naturalmente gnosiológica<sup>17</sup>. É importante que o ensino dos conteúdos esteja associado a uma leitura crítica da realidade que desvele a razão dos inúmeros problemas sociais. A escolha do conteúdo programático é de natureza política, pois tem que ver com: que conteúdos ensinar, a quem, a favor de quê, de quem, contra quê, contra quem, como ensinar (FREIRE, 1987).

O autor aponta princípios norteadores para a construção de um currículo que atenda aos pressupostos da educação libertadora, destaca a relevância do conteúdo programático e

---

<sup>17</sup> Parte da Filosofia que estuda o conhecimento humano. É formada a partir do termo grego “gnosis” que significa “conhecimento” e “logos” que significa “doutrina, teoria”.

marca o lugar do conteúdo da educação no currículo crítico. Os conteúdos não podem ser pedaços de uma realidade, desconectados da totalidade. Daí a importância de se propor aos estudantes aspectos, situações significativas de sua realidade cuja análise crítica permita reconhecer a interação de suas partes, para que, então possam compreender a totalidade, e os conteúdos ganhem significado.

Paulo Freire (2000) diz que se está numa situação limite, que leva sempre a novas possibilidades de busca de algo, sempre a busca de um passo a mais, ser mais é próprio do humano, seres inacabados em formação e em cima disto cabe se pensar sobre a educação. Não ser um mero educador, avaliar-se sempre e verificar realmente se o que foi ensinado terá um complemento na vida dos educandos. A questão da ética do mercado ter como meta apenas o lucro das instituições, não se preocupando com a formação, deve-se tomar este cuidado. Muitos desafios apresentados como situações limites, o ser humano tem uma potencialidade como reserva de buscar um inédito possível, não algo utópico, mas sim pequenos passos, pequenas conquistas. O processo na busca da educação nunca é neutro, não dá pra separar dos contextos mercadológicos e culturais, mas nunca é neutra e ela tem uma missão sim de encontrar dentro das circunstâncias que nos são dadas, os passos que podem ser dados para melhorar. Cabe aos educadores realizar uma auto avaliação nos métodos de ensino que se utiliza e analisar os efeitos dos mesmos na sociedade e na vida dos alunos. Este pesquisador acredita que com estes efeitos pode-se sentir a própria vivência dentro das instituições em que se leciona, através das avaliações docentes, mas muito mais do que isto, com a análise de como está o relacionamento do professor com os alunos, o que estes comentam dos mestres pelos corredores e pelos grupos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas realizadas nesta dissertação, podemos indicar algumas conclusões importantes e fundamentais para o nosso aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

No primeiro capítulo, podemos ver o exemplo de uma pessoa inspirada e encantada pela Educação Humanista franciscana. Frei Agostinho, através dos seus escritos e de se sua vivência na práxis, nos faz refletir sobre a nossa vocação de professor através da educação. Aponta-nos para uma grande quantidade de ensinamentos de São Francisco de Assis, que é a primeira inspiração para sua proposta de formação. Uma proposta que nos leva a tornar o mundo um pouco melhor para viver e menos difícil de amar. Ele indica a necessidade de educadores mais humanos, que se preocupem não só com a formação teórica e tecnicista dos alunos, mas também com a sua formação pessoal, seus valores, suas responsabilidades com o próximo e com a natureza. Enfatiza que os educadores ensinem os conteúdos programáticos obrigatórios, bem como ensinem os alunos a serem mais compreensivos, amáveis e terem respeito pela vida, pelas pessoas, pela vida em comunhão através de uma vivência dos valores fundamentais da Pedagogia Humanista. Desta podemos destacar o amor, a humildade, a paciência, a caridade, o espírito de unidade de Paz, a compreensão, a alegria em servir. Aprendemos sobre as exigências de um verdadeiro educador que, segundo Frei Agostinho, deve ser a corporificação das palavras pelo exemplo, levando à competência profissional e à generosidade de comprometimento em prol da humanização. Ensina-nos querer bem aos educandos, com amor profundo, fundamentado no diálogo alimentador de uma educação crítica e transformadora, portadora de esperança e alegria. Leva-nos ser apaixonados pelo sonho e utopia de uma realidade melhor e pelo anúncio de um mundo mais humano e justo. Aprendemos a ter fé no ser humano e na criação de um mundo fundamentado no amor.

No segundo capítulo, ainda seguindo as inspirações de Frei Agostinho, somos reenviados às obras e os ensinamentos de Paulo Freire. Pudemos entender a grande diferença entre a pedagogia humanista cristã, que valoriza o ser por inteiro, e a pedagogia opressora que se baseia numa educação bancária que compara os alunos como vasilhas que precisam ser enchidas. Quanto mais docilmente se deixam encher, melhor seria o educador e melhor seriam os educandos. A educação opressora não dialoga, mas impõe metas e conteúdos programáticos de forma meramente tecnicista e mecânica, deixando de lado a formação integral do ser humano em seu todo. Importa ser com espírito e alma, um ser que transcende e que tem aspirações. Podemos verificar e aprender neste capítulo que são fundamentais alguns

valores humanos como a o amor, a humildade e a fé. Não podemos crescer e aprender sem estes valores que são intrínsecos na criação e formação do ser humano. Aprendemos a ter uma consciência crítica de um ser humano a caminho de uma formação efetiva e participativa. A conscientização surge como força motriz que faz da educação, não um meio de domesticação que leva à desumanização, mas uma tarefa que denuncia as estruturas desumanizantes. O objetivo é buscar uma libertação dos oprimidos, com diz Paulo Freire, através de uma formação Humanista e integral.

No terceiro capítulo, com o tema da ética na formação humanista podemos aprender e refletir sobre a necessidade deste tema e a falta que ele faz na sociedade e suas instituições em meio a crise de ética que estamos vivendo. Podemos verificar que devido a esta condição vivemos situações muito desagradáveis como falta de respeito e compreensão mútua não tanto nas instituições de ensino como no dia-a-dia. Vimos que, através da ética, podemos descobrir valores presentes no mais profundo dos seres humanos, visando uma formação integral. Foi possível aprender que a educação é, em sua essência, um processo ético antes de ser consciência crítica, engajamento político e ação transformadora. A ética quando respeita a alteridade, ou seja, as pessoas em sua singularidade. A ética carrega em si uma perspectiva educacional humanizadora e não condiz com movimentos fragmentados, nem com práticas individuais e isoladas. Ela é fundamental em nossa vida e em nossas atividades. A partir dos valores éticos ajudamos a formar uma sociedade mais justa e solidária. A formação ética, aqui defendida, não é uma mera teorização discursiva ou de práticas individuais e isoladas, mas deve ser um processo de conscientização da comunidade escolar, fundamentado na práxis que reflete, avalia e propõe diferentes ações curriculares vivenciadas no espaço escolar.

Citamos a seguir alguns exemplos que acontecem em salas de aulas nos finais de semestre, nos quais, os alunos reprovam. Situações estas que poderiam ser melhor entendidas se houvesse a prática de uma pedagogia humanista. Numa de suas citações, São Francisco escreve e orienta que, quando se vai pelo mundo, não se deve discutir com palavras, nem julgar os outros. Usando três verbos, que são praticamente sinônimos, ele ensina a aconselhar, ou seja, indicar a vantagem ou conveniência; admoestar, ou seja, repreender com brandura e exortar, ou seja, encorajar. Destacando assim uma atitude harmoniosa para não entrar em briga com palavras, acusações e condenações.

Quantas vezes observa-se em salas de aulas situações com alunos que buscam de toda forma se “justificar” por não ter conseguido uma nota ou a quantidade suficiente de presença

para passar naquele semestre. Estes vem com argumentos como; “não poder ficar de dependência” (Dp), “perder a bolsa de estudos” ou ter que “desistir por não poder pagar uma matéria em que foi reprovado”. Importa entender e ser justo, orientar e aconselhar, usando os ensinamentos franciscanos para ajudar a solucionar problemas como estes. Foi possível, através deste estudo, aprender a aconselhar e admoestar com brandura e exortar, encorajar os alunos para que se organizem e se dediquem mais, até mesmo fazê-los entender que são capazes e que muitas vezes não dependem apenas do professor. Tem que haver aí uma cumplicidade, uma mão de duas vias, onde eles fazem a sua parte e o professor faz a dele.

Vivendo-se estas situações e estes embates diários com alunos, esta pesquisa faz com que se vislumbre a necessidade do uso dos valores humanos como respeito, caridade e amor ao próximo, sem deixar de trabalhar com ética e transparência. Assim, se pratica a proposta de pedagogia humanista que pode ser chamada de uma pedagogia humana para a formação integral, na qual a humanidade é o princípio da vida. Não se trata de uma formação verticalizada, imposta de cima para baixo, por aqueles que acham que detêm o conhecimento. Nas leituras freireanas, pode-se refletir bastante sobre a assim chamada pedagogia do oprimido, na qual os alunos são considerados como que “sacos vazios” de conhecimentos, de sentimentos e de cultura. Fica esta reflexão da pedagogia humanista, destacada pelo Frei Agostinho no sentido de se pensar no outro como um ser que tem sentimentos, tem sua própria cultura e deve ser valorizado como tal. Todos têm valores humanos imbuídos nas raízes de vida, não há como ser diferente. Mas muitas vezes se é levado a esquecer estes valores, tão caros a São Francisco de Assis, inspirador desta dissertação. Dentre estes valores destacam-se, o respeito, a caridade, a obediência, a humildade, a paciência, a espera, a alegria, a ética, o Amor e a igualdade de seres. Começa-se a refletir na necessidade de reaprender a vivermos como seres humanos, dotados destes valores que podem ser considerados como dons e deveriam ser colocados a serviço de uma educação mais humanizadora.

Há que se pensar antes de tudo na formação humana e reencantar-se pela educação. De que adiantaria formar seres sem humanidade e sem valores. De que adiantaria a formação técnica e tecnicista, baseada nas teorias e nas ciências exatas, se não houver o principal, que é a vivência humanista destes valores. De que adiantaria fazer tudo com perfeição teórica, metódica, se faltar na prática será para o humanismo cristão. Tudo o que se fazemos aqui afeta na prática a humanidade, seja para o bem ou para o mal. Cabe a cada um dos educadores escolher o caminho a seguir. Nesta dissertação, mostramos algumas pistas (sendas), inspiradas no próprio Frei Agostinho, um eterno apaixonado pela educação. Colhemos os

frutos de sua dedicação. Ele será lembrado por seus ensinamentos que nos levam a fazer todo o possível para coloca-los em prática e divulgar sua pedagogia humanista.

## 5. REFERÊNCIAS

- ABBAGANANO, Nicola. **História da Filosofia**. v 5. 4ª ed. Editorial Presença, Lisboa, 2000.
- AGOSTINI, Nilo. **Ética: diálogo e compromisso**. São Paulo: FTD, 2010.
- ALMEIDA, Jorge Miranda de. **A educação como ética e a ética como educação em Kierkegaard e Paulo Freire**. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 22, n. 39, 105-116, jan./jun, 2013.
- ALTHAUS, Maiza Taques Margraf. **Aprender, conhecer e ensinar**. X Congresso Nacional de Educação - Educere. Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: <<http://www.maiza.com.br/adm/producao/38.pdf>> Acesso em: 20/01/2015.
- ANDREOLA, Balduino A. **Radicalidade ética da pedagogia do oprimido**. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/mesa12-a.pdf>> Acesso em: 20/02/2015.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: Rumo a sociedade aprendente**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARBOSA-LIMA, Maria da Conceição; CASTRO, Gisele Faur de; ARAÚJO, Roberto Moreira Xavier de. **Ensinar, forma, educar e instruir: a linguagem da crise escolar**. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 12, n. 2, 2006.
- BERNARDI, Orlando. **Solidariedade de Francisco de Assis com os pobres**. In: MOREIRA, Alberto da Silva. *Herança Franciscana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_, Orlando. **Do pensar e agir franciscanamente** / Orlando Bernardi; ilustrador: Ricardo Enz. Curitiba: Editora Bom Jesus, 2015.
- Bíblia Sagrada. *Bíblia Vozes*, coordenação geral de Frei Ludovico Garmus, OFM, Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do Humano, compaixão pela Terra**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 11ª ed. Editora Brasiliense. São Paulo, 1984.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Editora da Unesp. São Paulo, 1999.

DELORS, J. **Educação – Um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 4º ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000. 288.p.

ESCRITOS e BIOGRAFIAS de São Francisco de Assis: **Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, CEFEPAL, 1988.

ESSER, K. OFM, **Neue textkritische Edition**. Gtotaferata (Roma): Editiones Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, 1976. 645 p.

FONTES FRANCISCANAS. **São Francisco de Assis, escritos, biografias e documentos**. Coordenador Frei Manuel Marques Novo. 2º ed. Braga: Editorial Franciscana. 1994.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire**; tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire e Prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. O cotidiano do professor. 12ª ed. São Paulo; Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** 17º ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf)> Acesso em: 18/09/ 2016.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 4ª ed. Editora Ática, São Paulo, 1996.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar/Abr. 1995, p. 57-63.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2º ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. **É imprescindível educar integralmente**. Caderno CENPEC, nº. 2, 2006. p. 15-24. Em: <[http://www.ufrgs.br/projetossociais/Biblioteca/4\\_TV\\_Escola\\_Educacao\\_Integral.pdf](http://www.ufrgs.br/projetossociais/Biblioteca/4_TV_Escola_Educacao_Integral.pdf)>. Acesso no dia 04/05/2018.

ISHIKAWA, Ítalo Kiyomi. **Visão Complexa da Realidade e Proposta Franciscana de Educação**. Curitiba: FAE Centro Universitário, 2007. Texto produzido sob a orientação de Frei João Mannes. Disponível em: <[http://www.unifae.br/nucleos/pdf/primeiro\\_seminario/visao\\_complexa\\_italo.pdf](http://www.unifae.br/nucleos/pdf/primeiro_seminario/visao_complexa_italo.pdf)>. Acesso em: 21/02/2015.

JOHANN, Jorge Renato. **Educação e ética: em busca de uma aproximação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, p. 75-124.

MACLAREN, Peter; FARAHMADPUR, Ramin. **Pedagogia Revolucionária na Globalização**. Editora Dp&A, Rio de Janeiro, 2002.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945.

MARITAIN, Jacques. **O Humanismo Integral**. Disponível em: <<https://culturageral.saibamais.wordpress.com/2011/04/28/jacques-maritain-e-o-humanismo-integral/>>. Acesso em 16/04/2018.

MERCATALLI, A. **Pedagogia – educare oggi**. Brescia-Roma: La Scuola 1993.

MERINO, J. Antônio. **Humanismo franciscano**. Tradução de Celso M. Teixeira. São Paulo: Loyola, 1999.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As Abordagens do Processo**. Editora EPU, São Paulo. 1986.

MOREIRA, A. S. Petrópolis. **Herança Franciscana** Vozes, 1996.

NANNI, A. **Uma nuova paideia**. Prospettive educative per il XXI secolo, Collana Mondialita. Bologna: Missionária Italiana 2000.

PEGORARO, Olinto A. **Ética é Justiça**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

PICCOLO, Agostinho Salvador. **Perfil do Educador Franciscano**, 1988. Composto e Impresso no Departamento gráfico da Universidade São Francisco.

\_\_\_\_\_, Agostinho Salvador. **Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista**. Editora Universitária São Francisco. Instituto Franciscano de Antropologia, 2005.

- \_\_\_\_\_, Agostinho Salvador. **São Francisco de Assis – Sempre**. Curitiba, 2013.
- \_\_\_\_\_, Agostinho Salvador. **Uma vida na e para a formação**. Vida franciscana. São Paulo. v. 72, n. 89, p. 272-291, dez. 2015.
- RATIO FORMATIONIS FRANCISCANAE. Documentos/OFM – N° 15 São Paulo, 1991.
- REDIN, Euclides; STRECK, Danilo; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- RODRIGUES, Neidson. **Educação: Da formação humana à construção do sujeito ético**. Educação & Sociedade. Campinas, n. 76, v. 22, 2001.
- SANFELICE, José Luís. **Pós-modernidade, ética e educação** (Resenha). Educação & Sociedade. Campinas, ano XXII, n. 76, Outubro/2001, p. 297-303.
- SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa da. **Uma leitura a partir da epistemologia de Paulo Freire: A transversalidade da ética na educação, currículo e ensino**. In: *Revista Cocar*, Belém, v. 6, n. 11, p. 7-15, jan./jul, 2012.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca de sentido da formação humana: Tarefa da filosofia da Educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, n. 3, v. 32, p. 619-634, 2006.
- \_\_\_\_\_, Antônio Joaquim. **Filosofia da Educação: O desafio de pensar a educação nos países e comunidades lusófonas**. I Congresso Internacional de Filosofia da Educação de Países e Comunidades de Língua Portuguesa. São Paulo: UNINOVE, 2009.
- SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor** / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SILVEIRA, I. **O que é franciscanismo?** Bragança Paulista: USF/IFAN, 1996.
- SOUZA, Antônio Carlos de. **A relação entre Ética e Educação em Karl Marx**. Filosofia e Educação, Campinas, v. 3, n. 1, p. 72-86, 2011.
- VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Tradução de Frei Orlando A. Bernardi, OFM. Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco. Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN), 2006.
- VICENTINI, Dayanne; VERÁSTEGUI, Rosa de Lourdes Aguilar: **A pedagogia crítica no Brasil: a perspectiva de Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/>

[semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/PERSPECTIVAS%20FILOSOFICAS/A%20PEDAGOGIA%20CRITICA%20NO%20BRASIL%20A%20PERSPECTIVA%20DE%20PAULO%20FREIRE.pdf](http://semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/PERSPECTIVAS%20FILOSOFICAS/A%20PEDAGOGIA%20CRITICA%20NO%20BRASIL%20A%20PERSPECTIVA%20DE%20PAULO%20FREIRE.pdf). Acesso em: 04/05/2018.

VILLAÇA, A. C. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia franciscana: Desenvolvimentos e perspectivas**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.